

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE ENGENHARIA CIVIL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSTRUÇÕES SUSTENTÁVEIS

PATRICIA PICELLI

***COHOUSING*: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS DE UM SISTEMA DE
MORADIA ESTIMULADOR DA PRÁTICA SUSTENTÁVEL BASEADO
EM VÍNCULOS COLABORATIVOS**

MONOGRAFIA

CURITIBA

2018

PATRICIA PICELLI

**COHOUSING: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS DE UM SISTEMA DE
MORADIA ESTIMULADOR DA PRÁTICA SUSTENTÁVEL BASEADO
EM VÍNCULOS COLABORATIVOS**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Construções Sustentáveis, do Curso de Pós-graduação Lato Sensu da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Eloy Fassi Casagrande Junior

CURITIBA

2018



TERMO DE APROVAÇÃO

COHOUSING: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS DE UM SISTEMA DE
MORADIA ESTIMULADOR DA PRÁTICA SUSTENTÁVEL BASEADO EM
VÍNCULOS COLABORATIVOS

Por

PATRICIA PICELLI

Esta monografia foi apresentada em 29 / 06 / 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Construções Sustentáveis. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. PhD. Eloy Fassi Casagrande Junior
Orientador

Prof. M.Sc. Leandro Nicoletti Gilioli
Membro Titular

Profa. PhD. Libia Patricia Peralta Agudelo
Membro Titular

*“O que há de melhor no homem somente desabrocha
quando se envolve em uma comunidade”.*
Albert Einstein

RESUMO

PICELLI, Patricia. Compartilhamento da informação e do conhecimento em bibliotecas especializadas. 2018. 62 f. Monografia (Especialização em Construções Sustentáveis) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

O presente trabalho possui como finalidade auxiliar no entendimento das características, problemas e perspectivas do sistema de moradia *cohousing*, que é pouco conhecido no Brasil, apesar de ser utilizado em vários países. Esta pesquisa apresenta as definições e origens do conceito, bem como os princípios que norteiam esse modelo de habitação coletiva. Abordar-se-ão as possibilidades e os desafios encontrados em *cohousing*, desde o momento de formação de um grupo para sua criação até o cotidiano dos moradores. O trabalho reúne, ainda, aspectos sobre a arquitetura dessas comunidades intencionais, as possibilidades de sustentabilidade e qualidade de vida que geram, sua situação atual no Brasil e seus benefícios para grupos da terceira idade. A partir disso, o trabalho avalia, com a aplicação e análise de um questionário, a aceitabilidade do estilo de vida proposto em *cohousing* na cidade de Curitiba e região.

Palavras-chave: *Cohousing*. Comunidade intencional. Moradia compartilhada. Habitação sustentável.

ABSTRACT

PICELLI, Patricia. Information and knowledge sharing in special libraries. 2018. 62 f. Monografia (Especialização em Construções Sustentáveis) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

The purpose of the following work is to help to understand the characteristics, problems and perspectives of the housing system of cohousing, which is hardly known in Brazil but used in several countries. This research presents the cohousing definitions and origins, as well as the principles that guide this model of collective housing. This investigation studies the possibilities and the challenges found in cohousing, from the moment of forming a group for its creation to the daily life of the residents. This work also includes aspects about the architecture of these intentional communities, the possibilities of sustainability and quality of life that they generate, the current situation in Brazil and their benefits for the elderly. Therefore, the work evaluates, through the application and analysis of a questionnaire, the acceptability of the lifestyle proposed in cohousing in the city of Curitiba and region.

Keywords: Cohousing. Intentional community. Shared housing. Sustainable housing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Processo de criação – <i>Bristol Cohousing</i>	16
Figura 2 -	Grupo de trabalho para criação de jardim.....	16
Figura 3 -	<i>LILAC Cohousing</i>	17
Figura 4 -	<i>New Ground Cohousing</i>	22
Figura 5 -	Esquema da disposição de espaços em <i>cohousing</i>	26
Figura 6 -	Possibilidades de implantação em <i>cohousing</i>	27
Figura 7 -	Painéis solares – <i>Great Oak Cohousing</i>	29
Figura 8 -	Sistema solar de aquecimento de água sobre a casa comum.....	29
Figura 9 -	Horta comunitária – <i>Petaluma Avenue Homes</i>	32
Figura 10 -	Distribuição da população residente no Brasil – 2002/2012	34
Figura 11 -	Moradores da <i>Oakcreek Community</i>	37
Figura 12 -	<i>Sand River Cohousing</i>	37
Figura 13 -	Gráfico sexo (questão 1).....	42
Figura 14 -	Gráfico faixa etária (questão 2).....	42
Figura 15 -	Gráfico estado civil (questão 3).....	42
Figura 16 -	Gráfico número de moradores (questão 5)	42
Figura 17 -	Gráfico grau de instrução (questão 7).....	43
Figura 18 -	Gráfico local de residência (questão 8).....	43
Figura 19 -	Gráfico tipo de residência (questão 9)	43
Figura 20 -	Médias e desvio padrão dos valores da questão 11	44
Figura 21 -	Histograma Segurança	44
Figura 22 -	Médias e desvio padrão dos valores das questões 12 a 17	46

Figura 23 - Médias e desvio padrão dos valores da questão 18.....	47
---	----

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 - Relação dos valores buscados no questionário.....	37
Tabela 1 - Estatística descritiva das variáveis da questão 11.....	43
Tabela 2 - Estatística descritiva das variáveis das questões 12 a 17.....	45
Tabela 3 - Estatística descritiva das variáveis da questão 18.....	47
Tabela 4 - Matriz de correlação entre valores.....	48
Tabela 5 - Média das respostas por critério e valor.....	50

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA	11
1.2	CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA	11
1.3	OBJETIVOS	12
1.3.1	Objetivo geral	12
1.3.2	Objetivos específicos	12
1.4	JUSTIFICATIVA	12
1.5	CONTEÚDO OU ETAPAS DO TRABALHO	14
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	15
2.1	<i>COHOUSING</i>	15
2.1.1	Definições e características	15
2.1.2	Origens e princípios	19
2.1.3	Desafios e possibilidades	21
2.1.4	Arquitetura em <i>Cohousing</i>	24
2.1.5	<i>Cohousing</i> no Brasil	27
2.2	SUSTENTABILIDADE EM <i>COHOUSING</i>	28
2.3	QUALIDADE DE VIDA EM <i>COHOUSING</i>	32
2.3.1	Terceira idade	34
2.4	IDENTIFICAÇÃO DE VALORES	37
3	METODOLOGIA	40
3.1	DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA	40
4	QUESTIONÁRIO	41
4.1	FERRAMENTA DE AVALIAÇÃO	41
4.2	RESULTADOS E DISCUSSÃO	41
5	CONCLUSÕES	55
	REFERÊNCIAS	57
	FONTES DE ILUSTRAÇÕES	60
	ANEXO A - QUESTIONÁRIO	61

1. INTRODUÇÃO

O grande desafio moral do século XXI tem sido redirecionar o desenvolvimento humano para soluções sustentáveis, o que envolve intensas mudanças tecnológicas, sociais e políticas (MELTZER, 2005). Tais mudanças afetam a questão habitacional, item que constitui alta relevância ao avaliar a qualidade de vida de uma população, considerando desde materiais construtivos e saneamento, até o acesso a água potável, condições que possuem influência direta na questão da sustentabilidade.

Além das características físicas, outro quesito que relaciona habitação e sustentabilidade são as relações sociais. De acordo com dados do IBGE (2016), há uma tendência de aumento de pessoas que moram sozinhas, visto que houve um crescimento dos arranjos unipessoais em domicílios particulares na população brasileira de 10,4% para 14,6% entre 2005 e 2015. Isso reflete diretamente no consumo de energia, água, alimentos, na utilização de meios de transportes e etc., pois quanto menos indivíduos compartilham esses itens, maiores são as chances de desperdício.

Desenvolver cidades mais sustentáveis e com uma melhor qualidade de vida envolve o compartilhamento de espaços, de ações e de metas entre as pessoas. A vida em comunidade estimula tais compartilhamentos. Tendo em vista essas noções, surgem comunidades criadas intencionalmente, como é o caso de *cohousing*. De acordo com Torres-Antonini, Hasell e Scanzoni (2002), esse tipo de comunidade provoca um profundo senso de pertencimento em seus membros, o que, como muitos estudiosos defendem, fornece a base para a incorporação de questões de sustentabilidade, uma vez que elas passam a ser inseridas na vida social.

Estimadas por Scotthanson e Scotthanson (2004) como sendo a chave para a sustentabilidade na cultura ocidental, as moradias coletivas estão aumentando em número no mundo todo. Dentre esse estilo de moradia, o sistema de *cohousing*, que possui como objetivo principal a integração entre os moradores, vem ganhando cada vez mais adeptos. *Cohousing* é um incentivo para que as pessoas possam dar um passo significativo em direção à comunidade, sem abrir mão da privacidade e do controle de suas vidas pessoais (SCOTTHANSON E SCOTTHANSON, 2004).

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Para McCamant e Durrett (2011), a ideia de *cohousing* – como comunidade baseada no compartilhamento – não é algo novo, pois no passado a maioria das pessoas vivia em vilas ou em vizinhanças muito unidas. *Cohousing* possui os benefícios dessas vizinhanças tradicionais, como a colaboração, a segurança e o senso de pertencimento. A diferença encontrada é que o sistema de *cohousing* abrange comunidades adaptadas a sociedade e ao estilo de vida atual.

A possibilidade de incluir aspectos de sustentabilidade em uma comunidade torna-se muito maior quando ela é criada do zero, como é o caso de *cohousing*. Unir as qualidades de um grupo de pessoas que possui bom relacionamento a uma arquitetura sustentável que pode ser pensada e desenvolvida desde o início de acordo com as necessidades específicas desse grupo, é o que torna o tema *cohousing* atrativo e motivador para esta pesquisa.

Apesar de o conceito *cohousing* ter sido criado na Dinamarca na década de 1960 (SCOTTHANSON E SCOTTHANSON, 2004), no Brasil, o assunto ainda é pouco difundido. Entretanto, a quantidade de pessoas interessadas vem crescendo nos últimos anos. Já existem alguns núcleos criados com o propósito de facilitar a disseminação do tema e de encontrar grupos para a criação desse tipo de habitação (NUNES, 2015).

1.2 CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA

Embora presente em diversos países, principalmente da Europa e nos Estados Unidos, o modelo de moradia *cohousing* é pouco conhecido no Brasil. Não foi encontrado, até o momento, um estudo que avaliasse a percepção de *cohousing* no país. Por isso, será estudada a sua aceitabilidade na sociedade brasileira atual, com foco na cidade de Curitiba e região.

Seu estudo é de grande relevância, pois sabe-se que esse modelo de moradia possui como pilar a questão social e emprega o compartilhamento de espaços e equipamentos entre seus moradores, o que minimiza o uso de recursos naturais e

incita o relacionamento interpessoal, podendo tornar mais sustentáveis tanto a arquitetura quanto o estilo de vida das pessoas que habitam nele.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Essa pesquisa tem como objetivo geral analisar os possíveis problemas e as perspectivas gerados na adoção de um sistema habitacional de *cohousing*, desde a formação de um grupo para sua concepção até o cotidiano dos moradores, incluindo práticas que favorecem a sustentabilidade tanto no âmbito social, como econômico e ambiental.

1.3.2 Objetivos específicos

1. Reunir um referencial teórico que auxilie no entendimento de *cohousing*, bem como sua diferenciação de outros condomínios residenciais.
2. Destacar vantagens e desvantagens desse modelo de moradia.
3. Identificar o viés sustentável de *cohousing*.
4. Avaliar a aceitabilidade do estilo de vida proposto em *cohousing*.
5. Buscar se há um público alvo mais propenso a aceitar o estilo de vida em *cohousing*.

1.4 JUSTIFICATIVA

As taxas de gases que provocam o efeito estufa – dióxido de carbono, metano, óxido nitroso, entre outros – atingiram um nível recorde de concentração em 2015, sendo previsto que esse aumento continue por muitas gerações (WMO, 2016), intensificando as mudanças climáticas e a acidificação dos oceanos.

O CO₂, principal responsável pelo aquecimento global, permanece na atmosfera e no oceano por centenas de anos (WMO, 2016). De acordo com Meltzer (2005), para que as mudanças climáticas globais sejam minimizadas, é preciso que as emissões de CO₂ sejam reduzidas em mais da metade, o que exige melhorias em todas áreas, incluindo a habitação.

Para Stark (2009), os bairros atuais têm colaborado para a perda de contato entre as pessoas e alienação a suas comunidades, em contraponto, viver em *cohousing* proporcionaria não só a aproximação entre as pessoas, mas também a otimização do uso do solo e o desenvolvimento de um papel crucial na redução do movimento de automóveis. A redução de emissão de CO₂, no que tange a esfera habitacional, poderia ser praticada ao se viver em *cohousing*.

Por ser um modelo de habitação baseado na coletividade, *cohousing* emprega o compartilhamento de espaços e equipamentos entre seus moradores, o que, segundo Nunes (2015), minimiza o uso de recursos naturais e incita o relacionamento interpessoal. Apesar de cada *cohousing* possuir regras próprias, a maioria segue princípios semelhantes de colaboração e respeito ao meio ambiente (BITTENCOURT, 2016). Além disso, o fato de serem comunidades criadas intencionalmente favorece o uso de estratégias sustentáveis de construção em suas edificações ainda na etapa do projeto arquitetônico.

Assim como é observado a nível mundial, o IBGE (2013) mostra que o envelhecimento populacional também é fato no Brasil. O acontecimento exige um maior número de habitações adequadas ao público idoso. Em um estudo sobre os lares de idosos em Curitiba, Cochmanski (2016) observa a precariedade em que a grande maioria se encontra, o que influencia diretamente na qualidade de vida dos moradores. *Cohousing* torna-se um atrativo também para a terceira idade, à medida que os espaços podem ser totalmente planejados em função de suas necessidades. Além disso, a vida em comunidade e a colaboração mútua facilitam a execução de tarefas e reduzem riscos de doenças como a depressão, muito presente em idosos.

Bittencourt (2016) afirma que o movimento está se iniciando também no Brasil. Poucas pessoas no país sabem da existência desse tipo de comunidade, tornando *cohousing* um tema pouco difundido e que necessita ser melhor avaliado.

1.5 CONTEÚDO OU ETAPAS DO TRABALHO

O presente trabalho é dividido em duas partes principais. A primeira delas consiste em uma revisão bibliográfica sobre *cohousing*, apresentando os conceitos e as principais características desse modelo de moradia, bem como os desafios e as possibilidades que ele gera, além de uma breve análise sobre a situação atual do tema no país. Ainda dentro da revisão bibliográfica, são abordados assuntos referentes a sustentabilidade em *cohousing*, a qualidade de vida gerada nesse tipo de habitação e os benefícios possíveis para moradores da terceira idade.

A segunda parte exhibe um questionário, que abrange questões relacionadas a viver de forma sustentável, visando avaliar se as pessoas estão preparadas para aceitar e consumir o sistema de moradia *cohousing*. Após o questionário, a apresentação dos resultados e a discussão dos mesmos.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 COHOUSING

2.1.1 Definições e características

Nunes (2015) define *cohousing* como “uma comunidade urbana guiada pelo espírito de solidariedade e respeito ao meio ambiente”. O forte senso de cooperativismo, de acordo com o site *The Cohousing Association of the United States* (2014), é o principal desejo dos habitantes, que descrevem *cohousing* como sendo comunidades intencionais.

Comunidade intencional é descrita pelo dicionário americano Random House Dictionary of the English Language (2010) como “uma comunidade projetada e planejada em torno de um ideal social ou valores e interesses coletivos, envolvendo frequentemente recursos compartilhados e responsabilidades”. Basicamente, comunidades intencionais são lugares criados por pessoas que desejam viver de uma maneira particular. Fazem parte desse tipo de comunidade, por exemplo, mosteiros, comunas, ecovilas, comunidades espirituais, *cohousing* e etc. (REID, 1999).

Para Torres-Antonini, Hasell e Scanzoni (2002), *cohousing* é um movimento que constrói comunidades baseadas na participação dos residentes em seu projeto de criação e posterior gerenciamento, onde há o compartilhamento de propriedade e de responsabilidades, além do desenvolvimento de redes de suporte entre vizinhos.

A figura 1 mostra o processo de criação de uma *cohousing* em Bristol, na Inglaterra. É comum que o grupo que pretende formar uma comunidade tenha assistência de um profissional arquiteto, como no caso em Bristol, no qual, de acordo com o escritório de arquitetura contratado, White Design, foram realizadas diversas oficinas que auxiliaram os moradores no processo.

Figura 1 - Processo de criação – *Bristol Cohousing*

Fonte: www.white-design.com/consultancy/bristol-co-housing/

A figura 2 também expõe a participação frequente dos moradores, retratando a união de um grupo para a criação de um jardim, na *cohousing* Vashon, próxima à cidade de Seattle, nos Estados Unidos.

Figura 2 - Grupo de trabalho para criação de jardim



Fonte: <http://whitehawkecovillage.org/community/what-is-cohousing>

Embora o foco seja a coletividade, em *cohousing* cada morador é dono de uma unidade individual, sendo que sua estrutura permite controlar o que será considerado

propriedade privada (NUNES, 2015; DURRETT, 2009). Apesar de haver diferentes possibilidades na estrutura de uma *cohousing*, na figura 3, que apresenta a comunidade LILAC *Cohousing*, na Inglaterra, é possível observar que há edifícios abrigando as unidades habitacionais privadas que cercam uma grande área comum, deixando explícita a separação entre o que é privado e o que não é.

Figura 3 - LILAC *Cohousing*



Fonte: <http://esbg2015.eu/lilac-cohousing-in-leeds-uk>

Tendo como base os valores de escolha e tolerância, cada habitante decide quando e com que frequência irá participar das atividades da comunidade (DURRETT, 2009). As atividades realizadas variam em cada grupo e incluem inúmeras maneiras de suporte, como por exemplo caronas, troca de serviços e cuidado com as crianças:

Os residentes em *cohousing* aproveitam os benefícios da cooperação, organizando jantares comuns, atividades sociais ou cuidando de um morador idoso. Ele constrói relações sociais trabalhando para atender às necessidades práticas. *Cohousing* oferece as vantagens sociais e práticas de um bairro tradicional, consistente com as realidades da vida do século 21. (DURRETT, 2009, p. 33).

Não há divisão de renda em *cohousing*, sendo que empregos e negócios acontecem de maneira privada. Outro aspecto que não ocorre nesse modelo de

moradia é a presença de líderes, pois em *cohousing* não há hierarquias. Apesar disso, *cohousing* não é uma comuna (SCOTTHANSON e SCOTTHANSON, 2004).

Reid (1999) afirma que algumas pessoas associam o termo “comuna” com “comunidade intencional”, porém eles não são equivalentes, visto que comunas são comunidades intencionais, mas o inverso não é verdadeiro. Para o autor, uma definição precisa de comuna é uma comunidade em que os recursos são divididos igualmente ou de acordo com a necessidade, o que não ocorre em *cohousing*.

Outra questão importante de ser esclarecida é a diferenciação entre ecovilas e *cohousing*, visto que muitas pessoas confundem esses dois modelos de habitação. Meltzer (2010) pontua algumas diferenças:

- *Cohousing* é uma comunidade predominantemente urbana, enquanto as ecovilas são principalmente rurais;
- As ecovilas são grandes e heterogêneas, já uma *cohousing* é menor e de caráter mais homogêneo;
- Enquanto as ecovilas geralmente primam por inovações, comunidades de *cohousing* são mais pragmáticas e realistas;
- Ecovilas são explicitamente sustentáveis em relação ao meio ambiente, enquanto as comunidades de *cohousing* são mais implícitas;
- As ecovilas têm como foco principal o meio ambiente, já *cohousing*, a questão da sociabilidade.

Para Scotthanson e Scotthanson (2004), as ecovilas são sustentadas pelo desejo de criar comunidades sustentáveis tanto no âmbito ecológico quanto no social. Pelo fato de *cohousing* abordar muitas questões sociais e de comunidade, ela frequentemente é vista como uma parte do conceito de ecovilas, porém, estas utilizam meios mais radicais para gerar mudanças ambientais, com uma infraestrutura não consumidora, o que inclui agricultura, atividades comerciais e uso adequado de energia e água.

2.1.2 Origens e princípios

De acordo com Scotthanson e Scotthanson (2004), o movimento de *cohousing* teve início na Dinamarca no final da década de 1960, a partir de um grupo de famílias que desejava melhores cuidados com as crianças e também buscava uma maneira de compartilhar o preparo de refeições. Foi criada então a primeira comunidade *cohousing*, chamada *Sættedammen*. A partir daí, o movimento se espalhou rapidamente por todo o norte europeu nos anos 80 e se deslocou também para os Estados Unidos, Canadá e Austrália nos anos 90. Algum tempo depois surgiram projetos também na Grã-Bretanha, Nova Zelândia e Japão (MELTZER, 2005).

Um grande avanço da filosofia de *cohousing* aconteceu em 1988 quando, de acordo com o site *The Cohousing Company*, os arquitetos norte-americanos Charles Durrett e Kathryn McCamant decidiram transformá-la em empreendimentos nos Estados Unidos, estabelecendo o termo “*cohousing*” para o conceito dinamarquês e criando uma organização que acredita no compartilhamento como base para uma sociedade mais sustentável.

Apesar de possuir algumas características físicas específicas, Nunes (2015) afirma que *cohousing* vai muito além de um sistema de moradia:

É também um estilo de vida, pois se desenvolve através da coletividade e da sustentabilidade de uma vida simples nesses espaços. Ideal para fazer com que as pessoas parem de pensar na vida individual e desenvolvam cidades mais compartilhadas e habitáveis.

Sua premissa é desenvolver o contato social e um forte senso de comunidade em seus habitantes, a partir do aumento da densidade, de espaços compartilhados, da circulação de pedestres e das áreas comuns (TORRES-ANTONINI, HASELL e SCANZONI, 2002). A ideia básica, segundo Nunes (2015), é viver coletivamente e dividir experiências com seus vizinhos, compartilhando equipamentos e espaços como lavanderias, refeitórios, hortas, áreas de lazer, carros e bicicletas, a fim de reduzir custos e o uso de recursos naturais.

Cada *cohousing* é única e possui suas próprias características. Independente dessas variações, todos os projetos de *cohousing* possuem seis particularidades em comum que os distinguem dos demais tipos de condomínios e comunidades em geral,

que são (SCOTTHANSON e SCOTTHANSON, 2004; DURRETT, 2009; MCCAMANT e DURRETT, 2011):

1. Processo participativo;
2. Design intencional;
3. Unidades habitacionais particulares e grandes instalações comuns;
4. Gerenciamento feito pelos moradores;
5. Estrutura não-hierárquica;
6. Fontes de renda separadas.

O processo participativo, para McCamant e Durrett (2011), é um dos pontos fortes de *cohousing*, pois envolve a participação dos futuros moradores desde as primeiras fases de planejamento e de projeto, até a construção, no qual eles são responsáveis pelas decisões finais como um grupo. De acordo com Durrett (2009), o número de moradores que participam dessa etapa varia normalmente entre 6 e 12 famílias, que estabelecem um programa de desenvolvimento, determinam o local, contraram um arquiteto e procuram outras pessoas interessadas. Apesar de esse processo ter vantagens e desvantagens, comunidades *cohousing* não são construídas sem ele: “o processo é parte do produto” (MCCAMANT e DURRETT, 2011).

Scotthanson e Scotthanson (2004) aponta que encorajar um forte senso de comunidade é o principal objetivo do design intencional de *cohousing*. Ao participar da criação do projeto, com o auxílio de um arquiteto, os moradores enfatizam aspectos que favorecem o contato entre as pessoas.

A casa comum e as outras instalações comuns, segundo McCamant e Durrett (2011), possuem grandes áreas e constituem o coração de *cohousing*. Elas são criadas para uso diário e funcionam como uma extensão das áreas privadas (SCOTTHANSON E SCOTTHANSON, 2004). Essas características possibilitam a redução do tamanho das unidades habitacionais, uma vez que espaços como lavanderias, oficinas e quarto de hóspedes, por exemplo, podem ser localizados na casa comum (DURRETT, 2009).

Em relação ao gerenciamento, ao contrário de um condomínio típico, uma *cohousing* é gerenciada pelos próprios moradores depois de construída (SCOTTHANSON E SCOTTHANSON, 2004). As decisões são tomadas em reuniões, que normalmente ocorrem uma vez por mês. Nelas, os moradores discutem questões

da comunidade e visam resolver problemas. As responsabilidades são divididas entre grupos de trabalho, onde tarefas como cozinhar refeições comuns e limpar a casa comum, por exemplo, são rotativas (MCCAMANT e DURRETT, 2011).

A estrutura não-hierárquica permite que as decisões sejam tomadas em conjunto e que a comunidade não dependa de uma pessoa para sua administração. De acordo com Scotthanson e Scotthanson (2004), na maioria das vezes são utilizados modelos de tomada de decisão, como o consenso. A divisão de tarefas é baseada no que cada pessoa acha que pode contribuir na comunidade, sendo que ninguém deve ficar sobrecarregado com o trabalho e nem dominar as decisões (DURRETT, 2009; MCCAMANT e DURRETT, 2011). Uma pessoa, por exemplo, fica encarregada das finanças, enquanto outra pode preparar as reuniões, e assim por diante.

McCamant e Durrett (2011) afirma que, dentro de uma *cohousing*, a economia funciona como na maioria dos condomínios residenciais, onde não há produção de renda e nem a sua divisão. Cada morador possui sua própria renda externa, diferentemente de um modelo de comuna típico, no qual a comunidade fornece para os residentes a sua renda primária, atingindo um nível de comunidade que vai muito além do que é proposto em *cohousing*.

2.1.3 Desafios e possibilidades

Além das várias alternativas de tamanho, design, localização, tipo de propriedade e prioridades que são encontradas em diferentes *cohousings* (SCOTTHANSON E SCOTTHANSON, 2004), as possibilidades de formação de grupos são inúmeras. De acordo com o site oficial de *cohousing* no Reino Unido, *UK Cohousing* (2017), essas comunidades podem ser inter-geracionais, nas quais são aceitas pessoas de qualquer idade e estrutura familiar, ou podem ser específicas para atender moradores idosos. Outra alternativa para esse sistema de moradia são *cohousings* formadas por pessoas que possuem interesses em comum, como mulheres, estudantes, veganos, grupos LGBT, etc. A foto da figura 4 apresenta uma *cohousing* destinada apenas a mulheres idosas, chamada *New Ground Cohousing*, em Londres. É possível ainda ter uma *cohousing* constituída apenas por moradores da mesma família ou grupo de amigos.

Figura 4 - New Ground Cohousing



Fonte: <https://cohousing.org.uk/case-study/new-ground-cohousing-development-inspiring-example-not-might-live-get-older-live-cities/>

Em um sistema de moradia *cohousing* também existem diversas possibilidades de uso e implantação de estratégias sustentáveis, aspectos que serão abordados no item 2.2 deste trabalho.

O principal desafio encontrado em uma comunidade *cohousing* são os conflitos internos. Segundo Scotthanson e Scotthanson (2004), a criação de uma visão cooperativista, que prega o trabalho em conjunto, é acompanhada sempre por conflitos e mudanças, devido às diferentes personalidades e pensamentos das pessoas que compõem um grupo.

McCamant e Durrett (2011) afirma que a maioria das pessoas convive com situações hierárquicas, por isso, aprender a tomar decisões em grupo não é fácil. Para os autores, os moradores de *cohousing* devem trabalhar juntos para encontrar a melhor solução, seja adotando sistemas organizacionais desenvolvidos por outros grupos ou criando novos métodos: é um processo de aprender fazendo.

Com o princípio não-hierárquico de *cohousing*, é possível ainda que haja situações em que um membro do grupo tente se sobressair em relação aos demais e

gere conflitos, seja por questões de crenças, diferenças de valores ou de educação. A solução é, de acordo com Scotthanson e Scotthanson (2004), dialogar com as pessoas envolvidas e obter os fatos reais para que se resolva o conflito, certificando-se de que todos sejam entendidos.

É importante prever as situações que possam gerar conflitos e esclarecê-las no momento de criação de uma *cohousing*, pois uma compreensão das diferenças internas estabelece as bases para saber o quão bem aquelas pessoas trabalharão juntas em um grupo. Alguns tópicos importantes que costumam impactar no relacionamento dos membros em um grupo são: animais de estimação, fumo, presença de armas de fogo (em locais onde a lei permite), estacionamento, uso de pesticidas, entre outros (SCOTTHANSON E SCOTTHANSON, 2004).

Além dos conflitos internos, outro desafio para *cohousing* que é encontrado na maioria dos países, como expõe o *proceedings from the international collaborative housing conference* (2010), trata-se da visão utópica que as pessoas possuem desse modelo de moradia, pois 99% da população vive em habitações convencionais. Segundo o documento do evento, o movimento de *cohousing* deveria ser trabalhado de maneira disponível para todos, independente da situação financeira ou social, e contar com profissionais mais interativos.

Durrett (2009) menciona que muitas vezes os moradores de um bairro temem que, com a instalação de uma *cohousing*, sejam atraídas pessoas “não convencionais”, afetando negativamente a vizinhança. De acordo com o autor, esses medos não possuem fundamento, uma vez que os vizinhos devem conhecer os futuros moradores da *cohousing*, que tendem a ser pessoas conscientes e ativas na vida da comunidade. *Cohousing* auxilia na estabilização de vizinhanças e a torná-las mais desejáveis.

O *proceedings from the international collaborative housing conference* (2010) relata que um agente importante no movimento de *cohousing* é o arquiteto, pois os grupos locais podem não ter a competência necessária para seu desenvolvimento. Muitas vezes, construtoras se revelam parceiras difíceis para a criação de *cohousings*, pois conhecem e confiam apenas em soluções convencionais. É importante que o profissional contratado tome como base um bom conhecimento sobre o estilo de vida em *cohousing*, caso contrário, pode resultar em projetos insatisfatórios que colocam

em risco a coletividade do grupo. Outras áreas que podem ter necessidade de assistência externa são as questões legais e jurídicas, além da solução de conflitos.

Ainda segundo o *proceedings from the international collaborative housing conference* (2010), há uma perspectiva de difundir a pesquisa sobre *cohousing* no meio acadêmico, pois não é um tema muito comum. O documento informa que o Japão é o único país com um comitê de pesquisa especial para a promoção da habitação coletiva, a *Housing Research Foundation Jusoken*. Conforme publicado no relatório, é preciso estimular o interesse científico sobre o assunto e criar estratégias para alcançar fundos de pesquisa, visto que existe certa falta de interesse por parte da comunidade acadêmica.

Mesmo com o sucesso comprovado de comunidades *cohousing* existentes, muitas pessoas hesitam em construí-las. Apenas pessoas que buscam novas opções residenciais são motivadas a impulsionar o processo de planejamento e design de *cohousing* sem causar sérios comprometimentos (DURRETT, 2009).

2.1.4 Arquitetura em *Cohousing*

A divisão do espaço em *cohousing* acontece de maneira que cada pessoa ou família possui sua própria casa ou apartamento, com a devida privacidade, mas compartilha grandes espaços com os outros membros da sua comunidade, como refeitórios, academias, bibliotecas, hortas e lavanderias, além de alguns serviços e equipamentos, como carros e bicicletas (PASTORE, 2016). A disposição das casas ou apartamentos e dos espaços em geral é feita de maneira a fortalecer a proximidade e as relações sociais entre os moradores. McCamant e Durrett (2011) afirma que o projeto arquitetônico é muito importante para facilitar a interação social, que é o foco em *cohousing*, e o sucesso da comunidade depende das habilidades e experiências do arquiteto em unir a comunidade através do design.

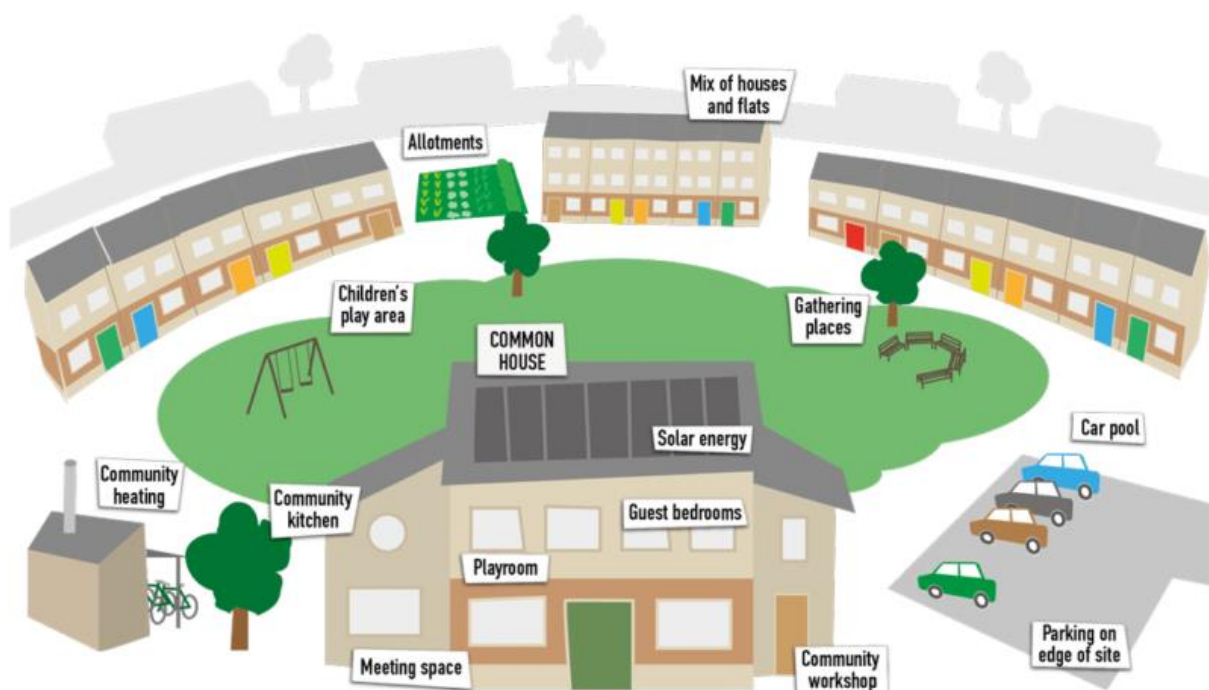
No momento de criação e planejamento de uma *cohousing*, não há espaços pré-definidos obrigatórios, pois cada grupo decide que tipos de espaços farão parte de sua *cohousing* e quais serão as regras. Também não há um número específico de unidades habitacionais que deve conter, mas de acordo com o site *The Cohousing Association of the United States* (2014), existe um número ideal entre 20 e 40

unidades, para que a promoção de interação e de relacionamentos entre os moradores seja frequente no espaço. Por outro lado, Durrett (2009) afirma que uma comunidade com 15 a 30 casas pode ser mais exigente por ser menor, o que faz com que os moradores dependam mais uns dos outros, enquanto uma *cohousing* com 40 a 100 unidades permite que seus moradores tenham maior autonomia para decidir a frequência com que participarão ou não das atividades da comunidade, sendo que essa liberdade pode facilitar o relacionamento entre as pessoas.

McCamant e Durrett (2011) explicam que esse sistema de habitação normalmente possui locais para estacionamento nas margens da comunidade, o que permite que a maior parte do espaço seja destinada a pedestres, além de gerar maior segurança para as crianças. Os autores expõem ainda que são criados locais informais para encontro, com bancos e mesas, e que as áreas de brincar para crianças são criadas em espaços centrais, facilmente visíveis das casas dos moradores.

Existe uma casa comum, que geralmente contém refeitório, cozinha, lavanderia comunitária, sala de mídia, sala de estar e outras salas para atividades como workshops, artesanato, música, etc., dependendo dos desejos do grupo (DURRETT, 2009). A localização da casa comum é essencial para determinar com que frequência ela será usada: se estiver em um local estratégico pelo qual as pessoas passem em frente no caminho para suas casas, seu uso será maior (MCCAMANT E DURRETT, 2011). Segundo Durrett (2009), é importante que a casa comum seja vista da maioria dos lugares e que os moradores possam enxergar se há outras pessoas usando-a.

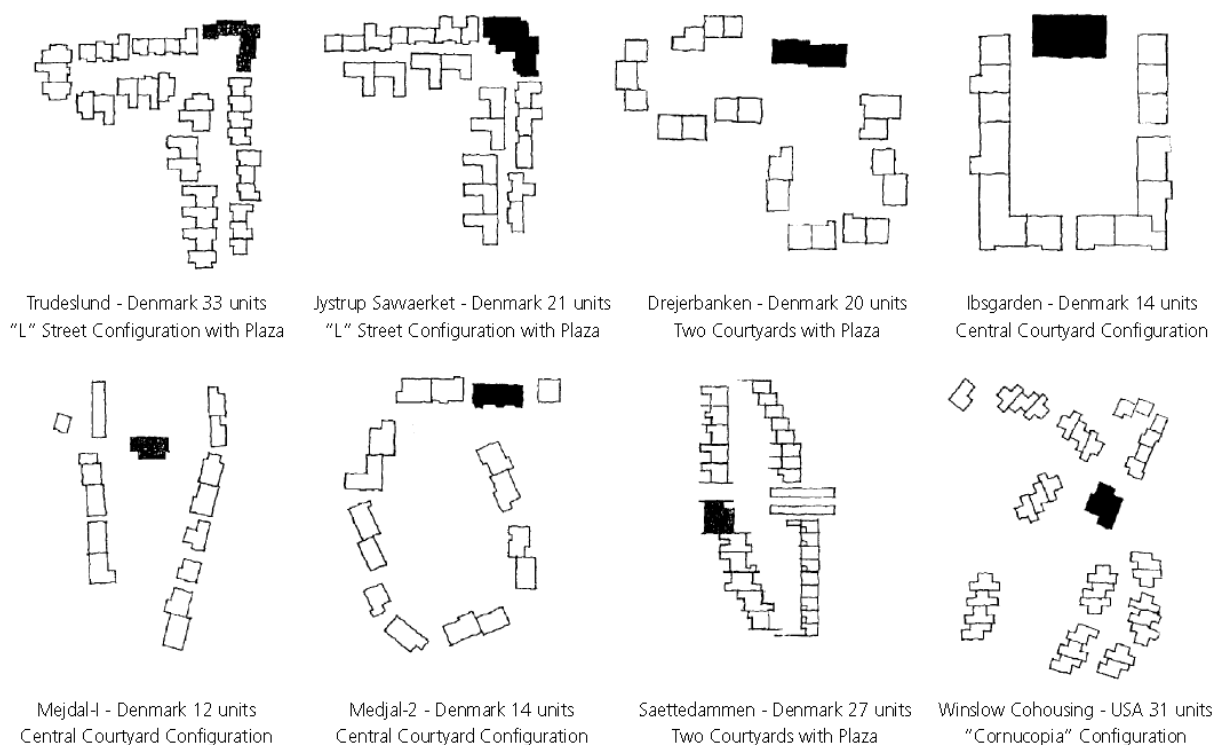
A figura 4 exemplifica um esquema da disposição dos espaços em *cohousing* com características importantes para seu bom funcionamento: a casa comum em destaque e visível de todos os lugares, as unidades habitacionais envolvendo um grande espaço aberto comum, com áreas de encontro e para crianças, possível de ser vista dos apartamentos, e o estacionamento para carros concentrado em uma extremidade.

Figura 5 - Esquema da disposição de espaços em *cohousing*

Fonte: <https://cohousing.org.uk/about/about-cohousing/>

No que tange a localização das comunidades *cohousing*, Durrett (2009) explica que ela é definida por dois fatores: a disponibilidade de lugares acessíveis e encontrar um número de pessoas suficiente que queiram morar em uma *cohousing* naquele local. Não há regras específicas para a escolha da localização, cada grupo decidirá que local será melhor para atender seus desejos e necessidades.

Com relação à implantação, existem ainda inúmeras possibilidades. Scotthanson e Scotthanson (2004) apresenta alguns tipos mais comuns encontrados em *cohousings* existentes, em um esquema demonstrado na figura 6, onde as unidades habitacionais são as formas em cor branca e a casa comum é representada pelas formas com cor preta. É possível notar que as duas primeiras implantações possuem forma de L, com uma rua central e a casa comum com praça localizada na esquina. No terceiro e sétimo exemplo, a configuração das casas forma dois pátios centrais, com a casa comum entre eles. Já o quarto, quinto e sexto modelo possuem um grande pátio central, porém com diferentes posicionamentos da casa comum. O último exemplo é um pouco diferenciado dos demais por possuir uma disposição mais orgânica, com a casa comum ao centro.

Figura 6 - Possibilidades de implantação em *cohousing*

Fonte: Scotthanson e Scotthanson (2004)

Por ser uma comunidade intencional, *cohousing* é geralmente um empreendimento criado do zero, pois é difícil estabelecer as relações desejadas entre espaços em edificações existentes. Apesar disso, algumas comunidades escolhem locais existentes mas em desuso, como por exemplo prédios de antigas fábricas ou escolas, e os adaptam de acordo com suas necessidades (DURRETT, 2009). Mesmo reutilizando um local, a comunidade em si é criada do início, pois há a união de pessoas que decidem formar um grupo para morar juntas em um lugar escolhido que satisfaça suas necessidades.

2.1.5 *Cohousing* no Brasil

A ideia de dividir um espaço com outras pessoas, trocar ideias, experiências e opiniões já é bastante difundida no Brasil no setor de trabalho, onde esses locais são conhecidos como *coworking* e o prefixo *co* indica o sentido de companhia e simultaneidade. Do mesmo modo que *coworking* expressa o sentido de trabalho em

conjunto, *cohousing* abrange o âmbito habitacional, de vida em comunidade. Porém, este ainda é pouco difundido no país.

De acordo com Pastore (2016), ainda não há um modelo de *cohousing* construído no Brasil, apenas algumas propostas de projetos não realizados e alguns poucos profissionais interessados em sua disseminação. Um deles é a arquiteta e urbanista Lilian Avivia Lubochinski, especialista em *cohousings*, que promove encontros e palestras em todo o país a fim de facilitar o conhecimento sobre esse sistema de moradia e apresentar modelos existentes em todo o mundo. Além disso, ela trabalha como facilitadora a fim de unir grupos para criação de *cohousing*.

Apesar de *cohousing* não estar presente no Brasil, Veiga (2016) identificou a existência de casas compartilhadas na cidade de São Paulo, que possuem um conceito parecido. São grupos de aproximadamente 10 pessoas que utilizam uma grande casa para conviver e compartilhar os espaços, com exceção dos quartos, e experimentar o conceito de *cohousing*. De acordo com o autor, são comunidades intencionais, na qual as pessoas decidem morar intencionalmente, e não por aperto financeiro, como é o caso de repúblicas estudantis. A arquiteta Lilian Avivia Lubochinski afirma que grupos como esses possuem a intenção de avançar em breve (VEIGA, 2016). Isso faz com que a ideia de *cohousing* no Brasil seja promissora. Porém, ainda segundo a arquiteta, *cohousing* possui a vida em comunidade, mas com privacidade, onde cada pessoa ou família possui sua própria casa, o que não é o caso das casas compartilhadas (VEIGA, 2016).

2.2 SUSTENTABILIDADE EM COHOUSING

Cohousing gera a possibilidade de viver confortavelmente com menos espaço. Segundo Pastore (2016), esses sistemas de moradia já existem há algumas décadas e têm grandes chances de se tornarem o modelo de bairro sustentável do futuro. Eles moldam um estilo de vida que aproxima as pessoas e acarreta na economia dos recursos naturais do planeta. De acordo com Durrett (2009), viver em comunidade é a chave para viver de maneira mais sustentável.

Para Scotthanson e Scotthanson (2004), como comunidade é possível estabelecer metas e definir orçamentos que permitem ir muito além das construções

tradicionais, que normalmente não possuem preocupações ambientais por terem um custo maior. Além disso, moradores de *cohousing* dirigem em média 60% menos e gastam entre 50% e 75% menos energia em aquecimento e resfriamento de ambientes em relação ao que utilizavam antes de morar nesse tipo de comunidade (DURRETT, 2009). As figuras 7 e 8 mostram como exemplo a *Great Oak Cohousing*, localizada em Michigan, nos EUA, que possui painéis solares fotovoltaicos no telhado do bloco de garagens, além de um sistema solar de aquecimento de água. Ambos alimentam a casa comum, em vermelho na figura 8, fornecendo uma opção de energia ambientalmente amigável e reduzindo a pegada de carbono.

Figura 7 - Painéis solares – *Great Oak Cohousing*



Fonte: http://gocoho.org/campus/common_house/ (2013)

Figura 8 - Sistema solar de aquecimento de água sobre a casa comum



Fonte: http://gocoho.org/campus/common_house/ (2013)

McCamant e Durrett (2011) afirmam que, além das vantagens sociais, são evidentes os inúmeros benefícios ambientais em *cohousing*. Caminhar até a casa ao lado para visitar um amigo é mais rápido e não precisa ser utilizado um meio de transporte para se deslocar pela cidade. Compartilhar objetos, como um único cortador de grama entre vinte casas é muito mais barato do que cada casa possuir um. Adquirir menos bens significa que menos matéria prima é necessária na fabricação, menos quilômetros são percorridos para entregar esses bens e é preciso menos energia para instalá-los e operá-los.

De acordo com Scotthanson e Scotthanson (2004), algumas ações e características sustentáveis abordadas em *cohousing* são:

- **Redução do uso do carro:** veículos geram grande impacto ambiental com a emissão de CO₂ e outras substâncias nocivas, além de consumir combustíveis fósseis não renováveis. Além disso, as áreas metropolitanas dedicadas ao carro são imensas, sendo que poderiam servir para outros fins ou permanecerem em seu estado natural: ruas, acessos, estacionamentos, garagens, concessionárias, fábricas de automóveis, instalações de reparação de automóveis, postos de abastecimento, etc. Em comunidade, os esforços necessários para comprar e manter um carro poderiam ser repensados e melhor utilizados. Em *cohousing*, é possível reduzir a dependência de veículos diminuindo a necessidade de transporte (ao escolher um local para implantação da comunidade próximo a comércio e serviços que seus moradores mais necessitam) e também utilizar o compartilhamento de veículos e a prática de caronas, por exemplo.
- **Seleção do lugar:** é uma decisão ambiental de muito impacto feita em comunidade. Ao escolher um local para a implantação de *cohousing*, leva-se em consideração o comportamento e atividades dos membros do grupo (trabalho, escola, viagens, etc.) a fim de reduzir a dependência do carro. Além disso, normalmente é escolhido um local com infraestrutura já instalada, que gera menor custo e impacto ambiental.
- **Planejamento do local:** essa possibilidade gera muitas alternativas para diminuir o impacto ambiental. Considera-se o impacto causado pela construção de casas isoladas, como a necessidade de maiores extensões de instalação de esgoto; construção de uma garagem ao lado de cada casa;

maior gasto de energia com aquecimento e resfriamento de ambientes; maior uso de materiais de construção para criar telhados, paredes e bases separadamente em cada casa; e menor área permeável. Ao contrário de modelos anexos ou empilhados, que são os mais utilizados por gerar menos impacto e aumentar as chances de interação social. É pensado também na orientação da planta, a fim de aproveitar melhor a insolação e reduzir o consumo de energia. Além disso, como *cohousing* é criada do zero, seu planejamento facilita a aplicação de estratégias sustentáveis como painéis de energia solar, telhados verdes, hortas, captação de água da chuva, reciclagem, compostagem e etc.

- **Tipos de habitação:** como descrito no item anterior, a escolha do tipo de habitação tem grande influência na sustentabilidade e cada grupo deve decidir a opção que atinge o equilíbrio entre social e ambiental. Os tipos de habitação citados a seguir estão organizados em ordem de amizade ambiental, do melhor para o pior: prédios com mais de quatro pavimentos, prédios com menos de quatro pavimentos, casas geminadas, casas isoladas.
- **Reduzir, reutilizar, reciclar:** a possibilidade de reduzir o tamanho da unidade habitacional, além de economizar materiais, libera espaço e recursos para áreas permeáveis e uso de estratégias sustentáveis. A casa comum contém esses espaços que estariam nas unidades habitacionais, porém agrupados e para uso comunitário, como lavanderia, quarto de hóspedes, oficina, etc. Pode-se ainda levar em consideração reutilizar um espaço habitacional existente e adaptá-lo às necessidades do grupo ou reciclar um edifício em uma área onde a infraestrutura já estiver em vigor.
- **Gerenciar custos:** analisar custos e benefícios a longo prazo ao escolher materiais e métodos de construção ambientalmente apropriados, fontes de energia alternativas, sistemas de esgoto e água não tradicionais, etc.

Ainda de acordo com Scotthanson e Scotthanson (2004), em uma comunidade intencional há maior possibilidade de fazer escolhas verdes inteligentes. Com relação ao paisagismo, pode ser priorizado o uso de plantas com menor necessidade de regar e aparar, e o uso de plantas nativas e/ou que fornecem alimento ou habitat para aves e outros animais, além da inclusão de paisagismo comestível. Normalmente inclui-se também o uso de aparelhos inteligentes, como lâmpadas mais eficientes e sensores

de ocupação. Para a construção, há a possibilidade de escolher materiais sustentáveis, com menor impacto ambiental na sua extração e fabricação, menos uso de transporte e energia, com conteúdo reciclado, de produção local e regional, etc. Em comunidade também há uma escala maior de projeto, o que facilita o uso de tecnologias e materiais alternativos.

A figura 9 apresenta uma foto da *cohousing Petaluma Avenue Homes*, nos EUA, no qual o paisagismo definiu o desenho da comunidade, através de uma horta comunitária central com as unidades habitacionais e a casa comum em seu entorno.

Figura 9 - Horta comunitária – *Petaluma Avenue Homes*



Fonte: <http://www.sahahomes.org/properties/petaluma-avenue-homes> (2009)

2.3 QUALIDADE DE VIDA EM COHOUSING

Nossa sociedade é moldada por intensas mudanças demográficas e econômicas, e muitos indivíduos são atingidos por essas transformações em sua vida pessoal, sentindo-se sozinhos, isolados e desconectados. Os casais possuem menos filhos do que no passado, as mães trabalham cada vez mais fora de casa e há um crescente desejo por um estilo de vida mais prático, responsável e econômico. O modelo de moradia *cohousing* pode ser a solução para muitos desses problemas, pois além de promover economia e praticidade no cotidiano, faz com que inúmeras pessoas e famílias possam encontrar e usufruir dos elementos de uma vizinhança

tradicional, como o senso de pertencimento, de comunidade e de família (MCCAMANT e DURRETT, 2011). *Cohousing* começa com a intenção de viver colaborativamente, com a ideia de repensar a maneira que vivemos em nossas casas (KIM, 2017).

Meltzer (2005) afirma que os membros de uma comunidade intencional fortemente unida socialmente têm uma grande capacidade de promover mudanças em suas vidas, alinhando seus valores com o estilo de vida e realinhando suas prioridades pessoais. Ademais, o consumo material é reduzido à medida que as relações sociais e a qualidade ambiental são mais valorizadas. Para o autor, a mudança pessoal vai muito além do nível comportamental, pois atinge crenças e valores profundos.

Com relação ao problema da solidão, pode-se dizer que ela nem sempre é uma consequência de estar sozinho: podemos estar em meio a uma multidão e mesmo assim sofreremos de solidão. A arquiteta Grace Kim (2017) demonstra que a solidão ocorre em função de como estamos socialmente conectados às pessoas ao nosso redor. Segundo ela, o “antídoto” está em *cohousing*, onde indivíduos optam por compartilhar espaços com seus vizinhos e conhecê-los, e onde as pessoas cuidam umas das outras.

Para as crianças, *cohousing* funciona como uma extensão de suas famílias, pois, de acordo com McCamant e Durrett (2011), a comunidade possui muitas pessoas para tomar conta delas, a quem elas podem pedir alguma assistência ou apenas conversar. As crianças mais velhas cuidam das menores e todos os membros se conhecem pelo nome.

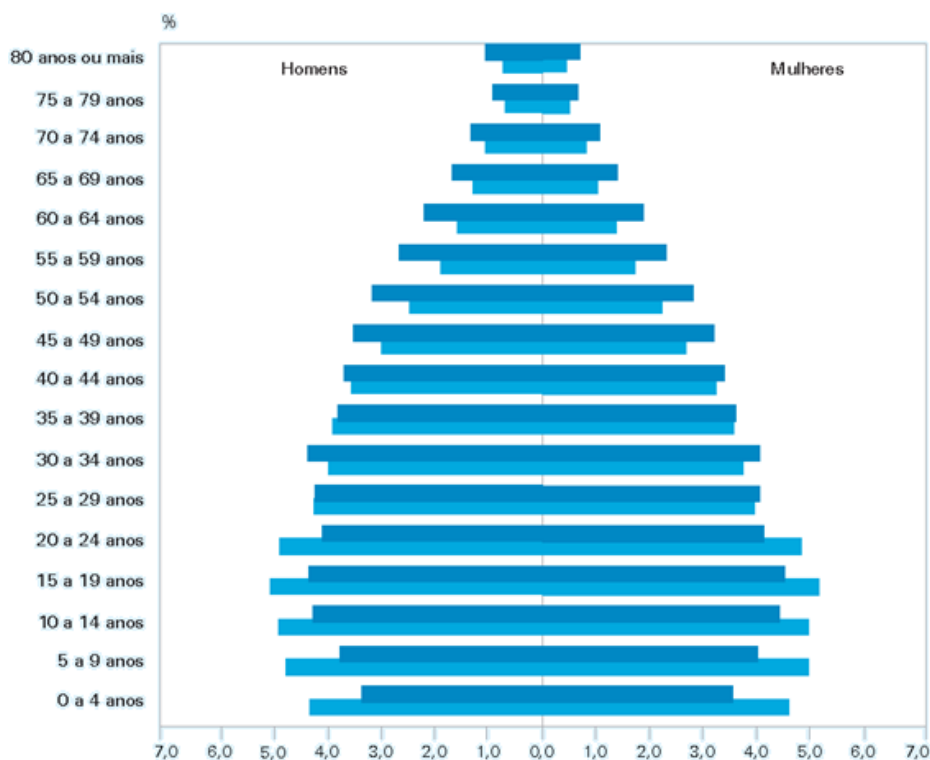
O fator segurança em *cohousing* é elevado devido ao fato de todos os moradores se conhecerem, assim, pessoas estranhas vistas na comunidade são questionadas imediatamente. Além disso, as crianças possuem lugares seguros com instalações adequadas para brincar fora de casa e colegas com quem brincar. Considerando as características de *cohousing*, é possível ainda afirmar que os moradores possuem mais tempo livre, como consequência das refeições e tarefas compartilhadas e menos tempo necessário cuidando das crianças (SCOTTHANSON E SCOTTHANSON, 2004).

2.3.1 Terceira idade

De acordo com o site brasileiro da Organização das Nações Unidas (2014), a OMS expôs que população mundial com mais de 60 anos irá ultrapassar o número atual de 841 milhões e atingirá 2 bilhões até 2050. Isso fará com que as doenças crônicas e o bem estar da terceira idade sejam os novos desafios globais. John Beard, diretor do Departamento de Envelhecimento e Curso de Vida da OMS, afirma que a melhoria da qualidade de vida para idosos vai muito além do setor da saúde, e que é preciso levar em consideração o ambiente físico e social.

Da mesma maneira que ocorre em nível global, dados do IBGE (2013) apontam a tendência de envelhecimento na estrutura etária brasileira. É possível observar, na figura 10, a comparação entre as pirâmides populacionais de 2002 e 2012. Essa comparação exibe que em 2002 já havia um estreitamento na base da pirâmide, tornando-se ainda mais acentuado em 2012. Nota-se o aumento da população acima dos 60 anos de idade. A previsão, de acordo com o IBGE (2013), é de que a população idosa ultrapasse os 13,8% em 2020, e em 2060 atinja 33,7%.

Figura 10 - Distribuição da população residente no Brasil – 2002/2012



Fonte: IBGE (2013)

Sousa *et al.* (2003) menciona que a qualidade de vida na terceira idade é associada diretamente a questões de dependência e autonomia. As alterações biológicas sofridas, como deficiências ou incapacidade, e mudanças nas exigências sociais (desvantagens) são resultado das dependências observadas em idosos, sendo que as últimas parecem determinar as primeiras.

A OMS (2005) define independência como a habilidade de executar funções relacionadas à vida diária, ou seja, viver independentemente na comunidade. Infelizmente, ainda existem muitos preconceitos em relação a isso:

A terceira idade foi tradicionalmente associada à aposentadoria, doença e dependência. As políticas e programas vinculados a este paradigma ultrapassado não refletem a realidade, pois, na verdade, a maioria das pessoas permanece independente na idade mais avançada (OMS, 2005, p. 43-44)

Dados do IBGE (2013) mostram que, em relação ao arranjo domiciliar, 1 em cada 4 idosos vive em arranjo formado por casal sem filhos, parentes ou agregados, e que 14,8% vive em domicílios unipessoais. Ainda segundo a OMS (2005), há uma tendência mundial de que os idosos morem sozinhos, pois para muitas pessoas é fundamental manter a independência durante o processo de envelhecimento. Ambientes físicos adequados podem fazer diferença entre a independência e a dependência, especialmente para idosos.

Uma habitação destinada a idosos deve corresponder às necessidades especiais do envelhecimento devido às mudanças físicas e sociais que acompanham esse processo. No entanto, é errôneo concluir que as necessidades de moradia para idosos são totalmente diferentes do significado de habitação para qualquer faixa etária (GREEN, 1975).

De acordo com Furlani e Pompeu (2017), a iniciativa de criação de *cohousing* para pessoas idosas é uma tendência mundial que vem crescendo em vários países. Além de incentivar a sociabilidade e diferentes meios de interação entre pessoas da terceira idade, reduzindo o sentimento de solidão, a intenção colaborativa desse modelo de moradia auxilia em muitas necessidades dessa população, incentivando o apoio entre os membros em momentos de instabilidade física ou emocional e aumentando as expectativas de autonomia.

Em uma *cohousing* sênior, as características físicas do local são apropriadas para as necessidades da terceira idade, como acessibilidade e redução de obstáculos. A casa comum normalmente possui uma grande quantidade de quartos de hóspedes com áreas maiores, para facilitar visitas prolongadas de parentes ou acomodar cuidadores profissionais caso os moradores necessitem desse tipo de auxílio (DURRETT, 2009).

De acordo com o site The *Cohousing* Association of the United States (2014), as comunidades *cohousing* para idosos são projetadas ou adaptadas para apoiar o envelhecimento na comunidade e um certo nível de cuidado mútuo para os membros idosos. Os terrenos e as edificações fazem uso do desenho universal.

Para Green (1975), o arquiteto possui a responsabilidade de fornecer oportunidades para moradores da terceira idade se adaptarem mais confortavelmente e com mais dignidade ao envelhecimento e ao processo de aposentadoria.

Dois exemplos de casos bem sucedidos de *cohousing* sênior são expostos nas figuras 11 e 12. O primeiro trata-se da *cohousing* Oakcreek Community, localizada em Stillwater, EUA. Nela, segundo o site oficial da comunidade, Oakcreek Community (2014), os membros reconhecem que possuem maiores chances de envelhecer saudavelmente morando na comunidade, com grandes espaços verdes abertos e boa relação com os vizinhos. A segunda imagem mostra uma cena cotidiana dos moradores da *Sand River Cohousing*. Essa *cohousing* recebeu o prêmio *AARP Livable Communities* em 2010, que avalia exemplos inspiradores de comunidades nos Estados Unidos. De acordo com o site da comunidade, Sand River *Cohousing* (2010), ela foi fundada nos princípios de participação, envelhecimento consciente, tomada de decisão por consenso e gestão ambiental.

Figura 11 - Moradores da *Oakcreek Community*



Fonte: OAKCREEK COMMUNITY (2014)

Figura 12 - *Sand River Cohousing*



Fonte: SAND RIVER COHOUSING (2010)

2.4 IDENTIFICAÇÃO DE VALORES

Com base na revisão bibliográfica feita, verifica-se a existência de alguns valores presentes em *cohousing*. São eles:

- Segurança
- Participação no planejamento
- Acessibilidade financeira

- Sustentabilidade
- Sociabilidade
- Cooperativismo
- Igualdade decisória
- Compartilhamento
- Boa localização
- Plástica

Todos os valores foram escolhidos tendo como parâmetro as principais características encontradas em *cohousing*.

Uma comunidade formada por um grupo de pessoas que se conhecem e cooperam entre si eleva a segurança do local, uma vez que situações de acidentes ou perigo são minimizadas e a presença de pessoas estranhas é questionada.

O valor de participação dos futuros moradores no planejamento do local foi selecionado com base na sua necessidade para a criação de uma *cohousing*. As características físicas e as regras de determinada *cohousing* devem satisfazer as necessidades e os desejos do grupo que irá ocupá-la. Além disso, uma boa localização e plástica são valores provenientes do planejamento. Futuros moradores de *cohousing* primam por um local de implantação da comunidade que seja coerente com suas atividades cotidianas, a fim de reduzir a necessidade de transporte.

Os valores de acessibilidade financeira e de sustentabilidade estão presentes em *cohousing* pois, por ser um modelo de habitação coletiva, há a economia de recursos e uma maior facilidade de, em comunidade, realizar maiores investimentos na aplicação de estratégias sustentáveis com um custo mais acessível. O uso de painéis solares fotovoltaicos ou de telhados verdes, por exemplo, minimiza também o gasto de energia para aquecimento ou resfriamento de ambientes.

A questão social, o cooperativismo e o compartilhamento são os pilares de *cohousing*. A boa relação entre vizinhos é sustentada pela ajuda mútua entre eles e o compartilhamento de equipamentos, de veículos e de grandes espaços comuns.

Para morar em *cohousing*, é preciso ainda aceitar a igualdade de todos no momento de tomadas de decisão, uma vez que não há hierarquias nesse modelo de moradia.

O quadro 1 faz uma associação desses valores encontrados em *cohousing* com as questões presentes no questionário aplicado em Curitiba e região (ver anexo A), a fim de explicitar quais valores são avaliados em cada questão:

Quadro 1 – Relação dos valores buscados no questionário

Questão	Valores
11	Segurança, boa localização, plástica, acessibilidade financeira, sustentabilidade, sociabilidade
12	Cooperativismo
13	Igualdade decisória
14	Sustentabilidade
15	Sociabilidade, igualdade decisória, participação no planejamento
16	Sociabilidade
17	Compartilhamento, sociabilidade
18	Participação no planejamento, sociabilidade, igualdade decisória, sustentabilidade, compartilhamento, acessibilidade financeira, cooperativismo

Fonte: autoria própria

3. METODOLOGIA

3.1 DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA

A fim de alcançar os objetivos deste trabalho, a metodologia de pesquisa utilizada é composta por um estudo exploratório feito a partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema *cohousing*. Para isso, tomou-se como base informações relevantes obtidas em livros – em sua maioria estrangeiros, devido a pouca difusão do tema no país – fontes webgráficas, artigos e trabalhos precedentes com temas similares.

Após a revisão bibliográfica, foi desenvolvido um questionário com o intuito de avaliar a aceitabilidade e aplicabilidade do estilo de vida proposto em *cohousing*, bem como a identificação e descrição de um público alvo. Nele, foi feita a identificação de variáveis e foram abordadas questões relacionadas ao estilo de vida em *cohousing*. O questionário foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Com a aprovação do questionário pelo CEP, realizou-se a coleta de dados em meio eletrônico, atingindo 150 pessoas, sem restrição de características. Posteriormente, os resultados obtidos foram apresentados e analisados no software SPSS. A interpretação dos resultados contou com análise estatística inferencial e descritiva.

4. QUESTIONÁRIO

4.1 FERRAMENTA DE AVALIAÇÃO

A ferramenta de avaliação apresenta-se em forma de um questionário, exibido no anexo A. Com ele, pretende-se avaliar a aceitabilidade e aplicabilidade do estilo de vida proposto no sistema de moradia *cohousing*. Não foi mencionada a palavra “*cohousing*” no questionário, visto que com isso seria necessário explicar esse modelo de habitação. Por esse motivo, o questionário possui perguntas referentes apenas ao estilo de vida presente em *cohousing*, e não sobre o sistema em si.

Inicialmente, as perguntas possuem o intuito de identificar variáveis como sexo, faixa etária, estado civil, existência de filhos que moram com a pessoa, número de pessoas que moram na mesma casa, renda familiar mensal, grau de instrução, localização da residência, situação e tipo de propriedade. A identificação dessas variáveis permitirá que seja encontrado um possível público alvo, e que seja feita a sua descrição.

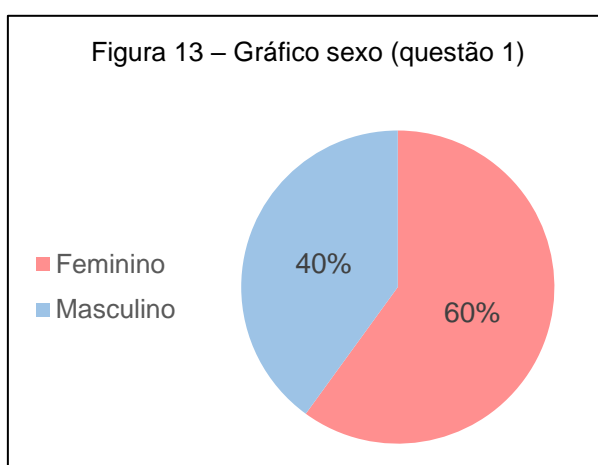
Após as perguntas que abrangem as variáveis, serão apresentadas questões relacionadas ao estilo de vida em *cohousing*. Nessa segunda parte, cada questão compreende um ou mais valores importantes encontrados em *cohousing*, sendo eles: segurança, participação no planejamento, acessibilidade financeira, sustentabilidade, sociabilidade, cooperativismo, igualdade decisória, compartilhamento, boa localização e plástica.

4.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

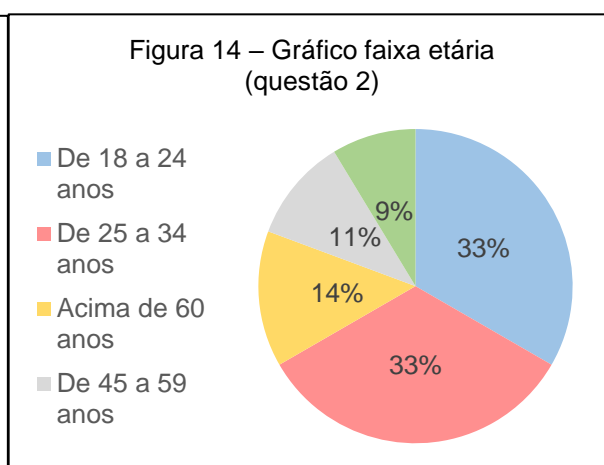
O questionário aplicado (anexo A) atingiu o número de 150 pessoas. A partir das respostas fornecidas para cada pergunta, foram feitas estatísticas descritivas e inferenciais.

Na amostra, 60% dos respondentes foram do sexo feminino, os demais 40% do masculino. Aproximadamente um terço encontrou-se na faixa etária de 18 a 24 anos. A mesma medida foi observada na faixa de 25 a 34 anos. Vale notar também que a

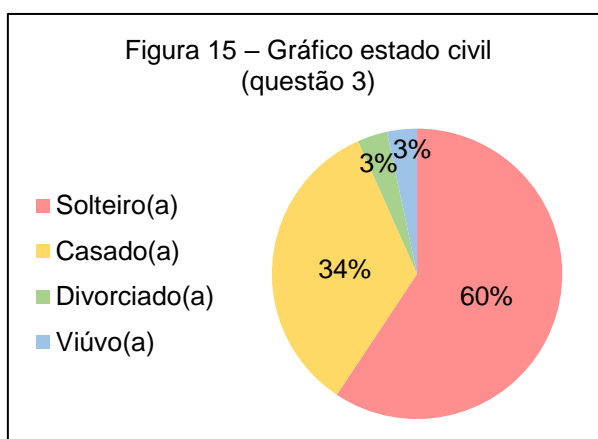
maioria das respostas foi dada por pessoas solteiras (59%), seguida por pessoas casadas (34%). Outra grande porcentagem foi a de número de moradores, onde respondentes que convivem com 3 a 5 pessoas representou 60%. A maior parte da amostra possui ensino superior completo e mora na capital, somando 66% e 78%, respectivamente. Foi possível identificar ainda que mais da metade dos respondentes (58%) mora em apartamento. Os gráficos a seguir foram elaborados para ilustrar as características da amostra já destacadas.



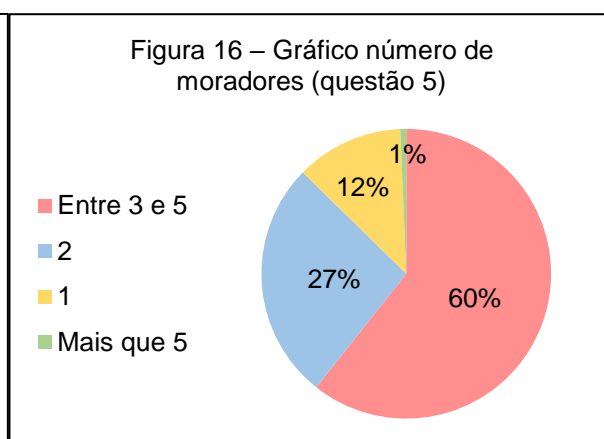
Fonte: autoria própria



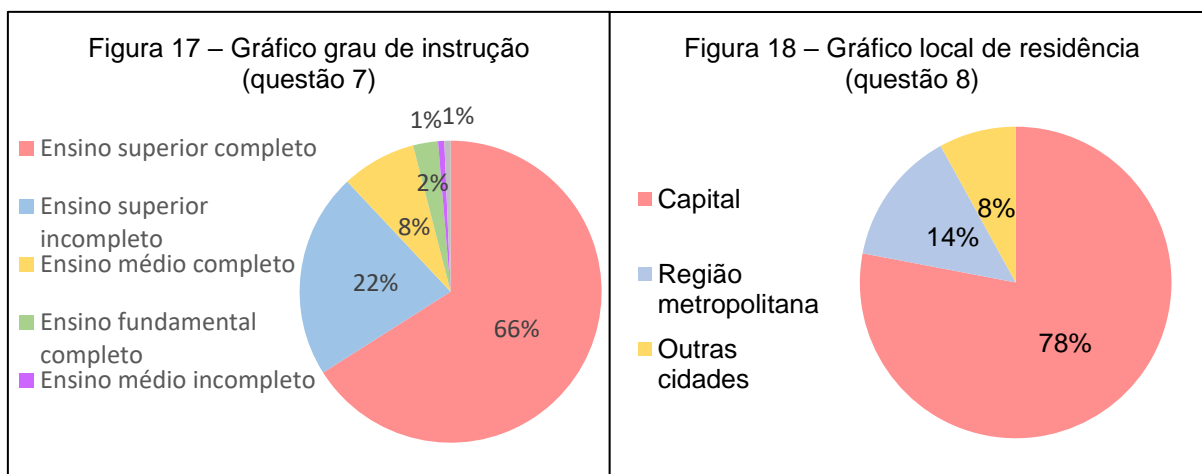
Fonte: autoria própria



Fonte: autoria própria

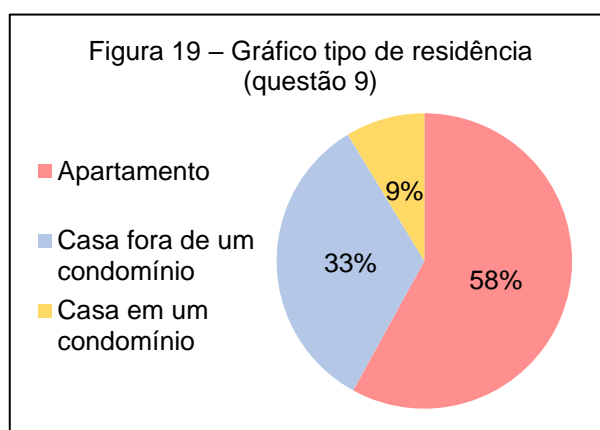


Fonte: autoria própria



Fonte: autoria própria

Fonte: autoria própria



Fonte: autoria própria

Na questão número 11, os três valores considerados de maior relevância pelos respondentes foram, respectivamente: segurança, acessibilidade financeira e localização, conforme pode ser observado na tabela 1 e na figura 20, a qual ilustra os dados da tabela e organiza-os pela média em ordem decrescente, a fim de facilitar o entendimento dos dados.

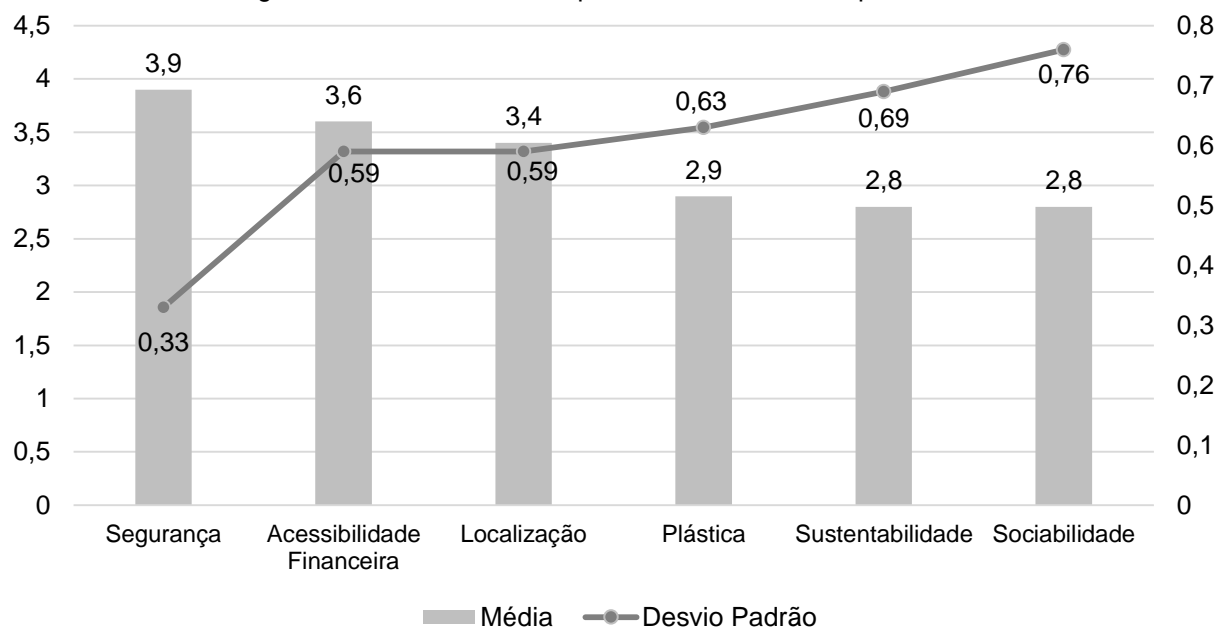
Tabela 1 - Estatística descritiva das variáveis da questão 11

Valores	Média	Desvio Padrão	Assimetria		Curtose	
	Estatística	Estatística	Estatística	Erro Padrão	Estatística	Erro Padrão
Segurança	3,91	0,326	-4,064	0,198	17,301	0,394
Localização	3,4	0,591	-0,594	0,198	0,555	0,394
Plástica	2,91	0,628	-0,26	0,198	0,424	0,394
Acessibilidade financeira	3,45	0,586	-0,526	0,198	-0,645	0,394
Sustentabilidade	3,05	0,693	-0,316	0,198	-0,091	0,394
Sociabilidade	2,84	0,76	-0,372	0,198	-0,025	0,394

n=150

Fonte: autoria própria

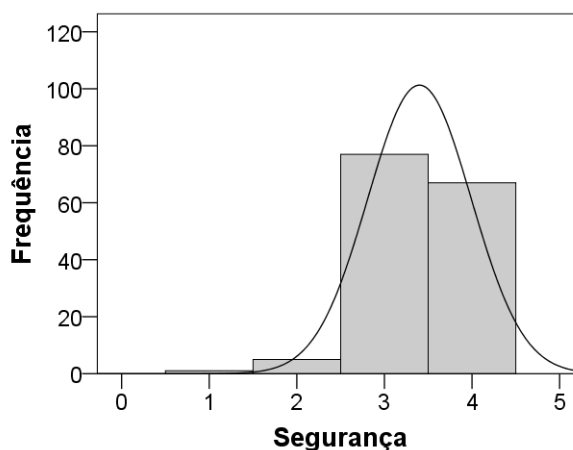
Figura 20 – Médias e desvio padrão dos valores da questão 11



Fonte: autoria própria

Para fins de análise, considerou-se o número 4 como muito importante e 1 como nada importante, portanto, quanto mais próxima de 4 é a média, mais importante é o valor. Com base nisso, pode-se dizer que a segurança foi o quesito considerado mais importante, com média 3,91, corroborada pelo baixo desvio padrão em comparação com os demais valores, assimetria acentuadamente negativa e curtose elevada (Figura 21).

Figura 21 - Histograma segurança



Fonte: autoria própria

O critério considerado em segundo lugar em nível de importância foi a acessibilidade financeira, com média 3,45, e em terceiro, a localização, com média 3,4.

Nota-se que os três valores considerados mais importantes não são restritos a *cohousing*, sendo que os valores de sustentabilidade e sociabilidade, mais ligados ao conceito de *cohousing*, foram considerados de menor relevância.

Para as questões 12, 13, 14, 15 e 17, estabeleceu-se como padrão o número 1 para a resposta sim, 2 para talvez e 3 para não. Dessa forma, quanto mais próxima de 3 for a média, maior é a tendência para o não, e de 1, para o sim. Já para a questão 16, os critérios de avaliação foram 1 para grande envolvimento social e 2 para pouco/nenhum envolvimento social. Portanto, essa análise foi feita utilizando como base os números 1 e 2, respectivamente.

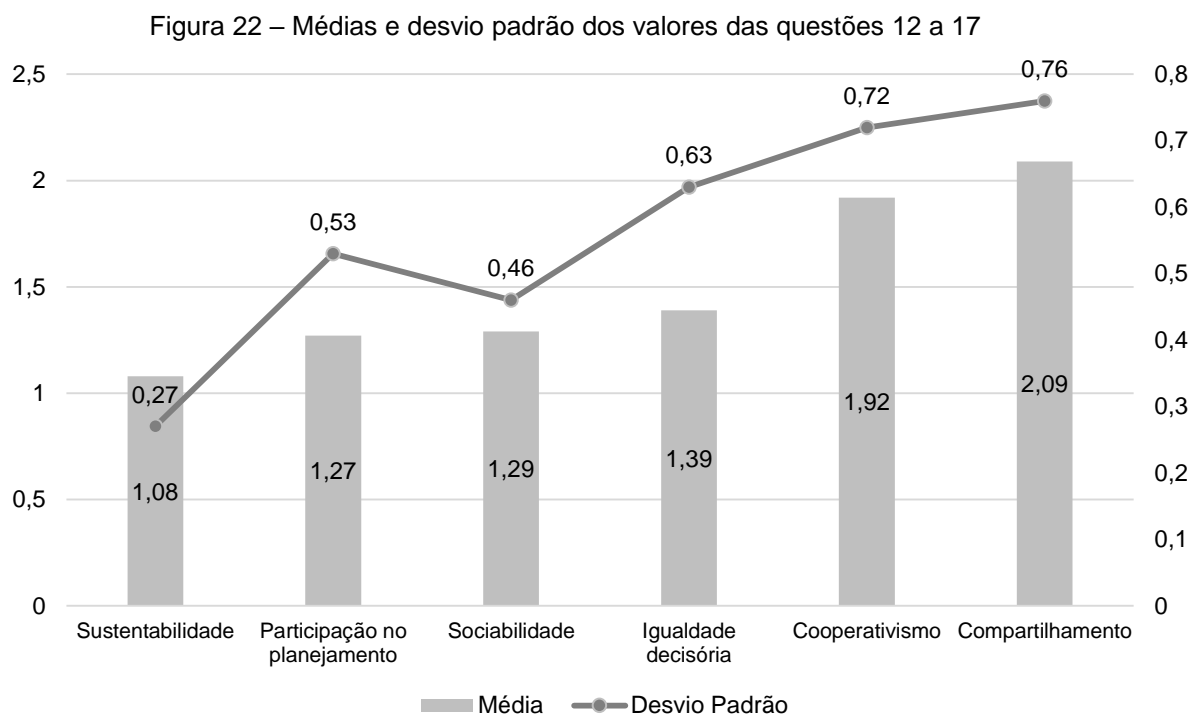
Elaborou-se a tabela 2 e figura 22 com os resultados das questões 12 a 17:

Tabela 02 - Estatística descritiva das variáveis das questões 12 a 17

Valores	Média	Desvio Padrão	Assimetria		Curtose	
	Estatística	Estatística	Estatística	Erro Padrão	Estatística	Erro Padrão
Cooperativismo	1,92	0,719	0,12	0,198	-1,045	0,394
Igualdade decisória	1,39	0,632	1,405	0,198	0,804	0,394
Sustentabilidade	1,08	0,272	3,128	0,198	7,887	0,394
Participação no planejamento	1,27	0,53	1,816	0,198	2,45	0,394
Sociabilidade	1,29	0,457	0,917	0,198	-1,175	0,394
Compartilhamento	2,09	0,759	-0,147	0,198	-1,244	0,394

n=150

Fonte: autoria própria



Fonte: autoria própria

Apesar de os itens segurança, acessibilidade financeira e localização terem sido considerados prioridade na questão 11, percebe-se que as pessoas tendem a aceitar os demais valores, como visto na tabela 02. Nela, os valores de igualdade decisória, sustentabilidade, participação no planejamento e sociabilidade possuem suas médias mais próximas de 1. Vale notar que para a sustentabilidade não houve nenhuma resposta negativa. Cooperativismo e compartilhamento enfrentam maior resistência, com médias mais próximas de 2.

A questão 18 abrangeu os valores já vistos nas questões anteriores, com o intuito de confirmar suas relevâncias. A tabela 03 e a figura 23 apresentam os resultados:

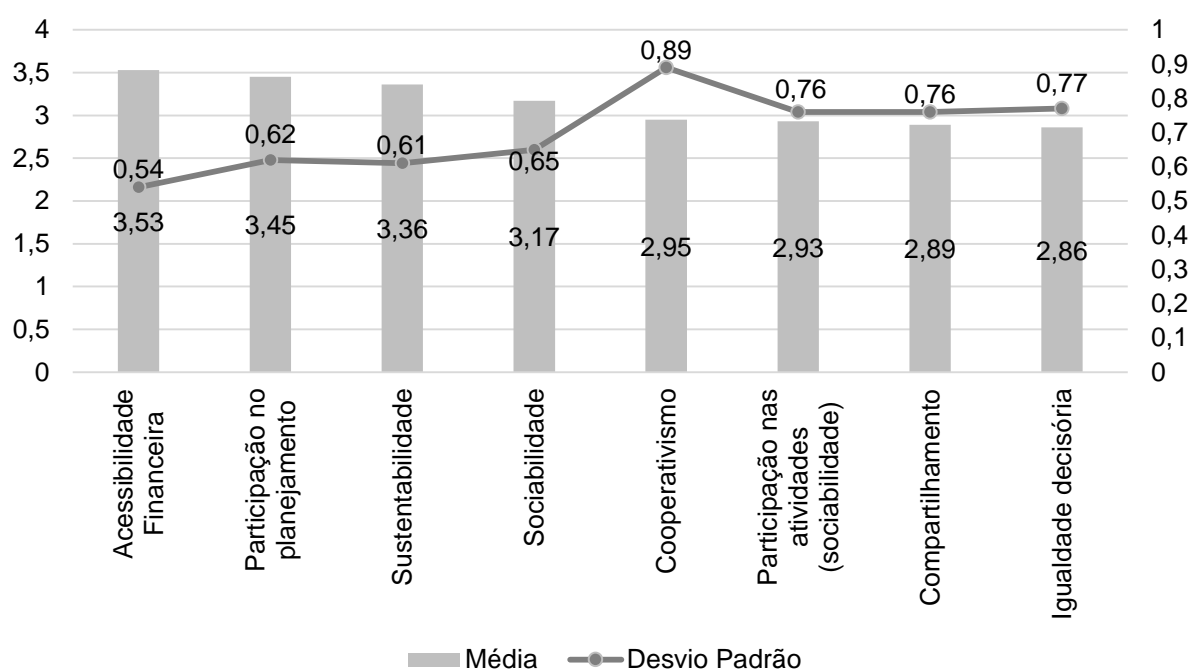
Tabela 03 - Estatística descritiva das variáveis da questão 18

Valores	Média	Desvio Padrão	Assimetria		Curtose	
	Estatística	Estatística	Estatística	Erro Padrão	Estatística	Erro Padrão
Participação no planejamento	3,45	0,619	-0,851	0,198	0,596	0,394
Sociabilidade	3,17	0,649	-0,326	0,198	-0,03	0,394
Participação nas atividades (sociabilidade)	2,93	0,757	-0,359	0,198	-0,13	0,394
Igualdade decisória	2,86	0,769	-0,024	0,198	-0,747	0,394
Sustentabilidade	3,36	0,605	-0,366	0,198	-0,653	0,394
Acessibilidade financeira	3,53	0,539	-0,524	0,198	-0,938	0,394
Compartilhamento	2,89	0,764	-0,444	0,198	0,07	0,394
Cooperativismo	2,95	0,892	-0,539	0,198	-0,43	0,394

n=150

Fonte: autoria própria

Figura 23 – Médias e desvio padrão dos valores da questão 18



Fonte: autoria própria

É possível notar que a acessibilidade financeira teve média mais próxima de 4, confirmando seu maior interesse por parte dos respondentes. A segunda maior média foi a da participação no planejamento, seguida pela sustentabilidade.

Algumas fortes correlações foram encontradas entre os valores, principalmente de forma positiva, como demonstra a tabela 04.

Tabela 04 – Matriz de correlação entre valores

		Questão 11					Questão 18								
Valores	Segurança	Localização	Plástica	Acessibilidade financeira	Sustentabilidade	Sociabilidade	Participação no planejamento	Sociabilidade	Participação nas atividades (sociabilidade)	Igualdade decisória	Sustentabilidade	Acessibilidade financeira	Compartilhamento	Cooperativismo	
Questão 11	Segurança		0,388	0,059	0,033	0,08	0,601	0,096	0,037	0,221	0,058	0,59	0,845	0,487	0,055
	Localização	0,388		0,3	0,364	-0,097	0,009	0,054	0,749	0,06	0,095	-0,03	0,253	-0,003	-0,003
	Plástica	0,059	0,3		0,207	0,504	0,053	-0,028	0,03	0,001	0,098	0,23	0,248	-0,078	-0,562
	Acessibilidade financeira	0,033	0,364	0,207		0,237	0,036	0,281	0,528	0,251	0,038	0,624	0,465	0,754	0,69
	Sustentabilidade	0,08	-0,097	0,504	0,237		0,398	0,526	0,292	0,084	0,059	0,49	0,209	0,386	0,234
	Sociabilidade	0,601	0,009	0,053	0,036	0,398		0,693	0,423	0,343	0,03	0,257	0,063	0,302	0,276
Questão 18	Participação no planejamento	0,096	0,054	-0,028	0,281	0,526	0,693		0,428	0,366	-0,049	0,206	0,276	0,251	0,33
	Sociabilidade	0,037	0,749	0,03	0,528	0,292	0,423	0,428		0,501	0,047	0,239	0,243	0,296	0,488
	Participação nas atividades (sociabilidade)	0,221	0,06	0,001	0,251	0,084	0,343	0,366	0,501		0,8	0,366	0,351	0,451	0,549
	Igualdade decisória	0,058	0,095	0,098	0,038	0,059	0,03	-0,049	0,047	0,8		0,095	0,656	0,327	0,274
	Sustentabilidade	0,59	-0,03	0,23	0,624	0,49	0,257	0,206	0,239	0,366	0,095		0,292	0,904	0,307
	Acessibilidade financeira	0,845	0,253	0,248	0,465	0,209	0,063	0,276	0,243	0,351	0,656	0,292		0,964	0,951
	Compartilhamento	0,487	-0,003	-0,078	0,754	0,386	0,302	0,251	0,296	0,451	0,327	0,904	0,964		0,563
Cooperativismo	0,055	-0,003	-0,562	0,69	0,234	0,276	0,33	0,488	0,549	0,274	0,307	0,951	0,563		

Fonte: autoria própria

A maior correlação positiva encontrada foi entre compartilhamento e acessibilidade financeira, com 0,964, o que indica que as pessoas que consideram um desses valores importante, tendem a considerar o outro também. Além disso, foi encontrado um forte vínculo entre cooperativismo e acessibilidade financeira, com 0,951. Outras associações consideráveis foram entre compartilhamento e sustentabilidade, acessibilidade financeira e segurança, e igualdade decisória e participação nas atividades (sociabilidade).

Já a maior correlação negativa foi entre plástica e cooperativismo, demonstrando que quando uma pessoa considera um desses valores importante, tende a considerar o outro desimportante. Entretanto, ressalva-se que essa não foi uma associação muito forte, uma vez que a correlação foi de -0,562.

Os resultados indicam que a grande maioria das correlações se deram de forma positiva, com poucas exceções negativas.

Foi realizado, ainda, um teste paramétrico ANOVA, com um intervalo de confiança de 95%, a fim de identificar a existência ou não de um público alvo com perfil mais propenso a aceitar o estilo de vida em *cohousing*. O teste possibilitou avaliar se houve diferença entre os grupos em relação a um valor identificado em cada questão. Naqueles em que houve diferença estatística relevante, procurou-se o grupo que atingiu a maior média na questão considerada. A partir disso, assumiu-se que aquele seria o perfil mais propenso a aceitar o respectivo valor. Por exemplo, testou-se o grupo de faixas etárias com todos os valores das questões 11 a 18. A diferença estatística, dentro desse grupo, foi encontrada apenas no valor de sustentabilidade da questão 18. Assim, buscou-se qual a faixa etária que apresentou a maior média para que fosse considerada para o perfil. Nesse caso, foi a de 45 a 59 anos, com média de 3,52.

A tabela 05 apresenta os resultados, com as médias das respostas por critério e valor. As maiores médias utilizadas para traçar o perfil, com exceção do valor de liderança, para o qual utilizou-se a menor média, estão em destaque.

Tabela 05 – Média das respostas por critério e valor

Critério:	Valor:	Questão 11					
		Segurança	Localização	Plástica	Acessibilidade financeira	Sustentabilidade	Sociabilidade
Estado civil	Casado(a)	3,96	3,35	2,94	3,43	3,29	2,98
	Divorciado(a)	4	3,4	3,2	3,2	3,4	3,4
	Solteiro(a)	3,88	3,43	2,88	3,48	2,89	2,7
	Viúvo (a)	4	3,4	2,8	3,4	3,2	3,4
Faixa etária	Acima de 60 anos	4	3,43	2,9	3,33	3,48	3,29
	De 18 a 24 anos	3,9	3,46	2,82	3,44	2,78	2,64
	De 25 a 34 anos	3,86	3,32	2,94	3,46	2,98	2,68
	De 35 a 44	3,92	3,31	2,77	3,62	3,08	2,92
	De 45 a 59 anos	4	3,5	3,19	3,5	3,56	3,31
Filhos que moram junto	Não tenho filhos	3,89	3,47	2,89	3,47	2,9	2,73
	Sim, mas nenhum mora comigo	4	3,17	2,89	3,39	3,56	3,28
	Sim, pelo menos 1 mora comigo	3,94	3,31	2,97	3,44	3,25	2,94
Grau de instrução	Analfabeto / ensino fundamental incompleto	4	4	4	4	4	3
	Ensino fundamental completo	3,5	2,5	1,75	2,75	3	2,75
	Ensino médio completo	4	3,08	3	3,42	3,25	2,92
	Ensino médio incompleto	4	1	2	2	4	3
	Ensino superior completo	3,94	3,45	2,97	3,45	3,05	2,85
	Ensino superior incompleto	3,85	3,52	2,82	3,58	2,94	2,79
Local da residência	Capital	3,92	3,42	2,89	3,51	3,11	2,89
	Outras cidades	3,92	3,25	2,92	3,17	3	2,58
	Região metropolitana	3,86	3,38	3	3,29	2,76	2,71
Número de moradores	1	3,78	3,28	2,67	3,44	3,06	3,17
	2	4	3,38	2,93	3,3	3,18	3
	Entre 3 e 5	3,9	3,43	2,95	3,52	3	2,71
	Mais que 5	4	4	3	4	3	2
Tipo de propriedade	Alugada	3,82	3,36	2,76	3,52	2,91	2,91
	Outros	4	3,13	2,88	3,63	3,13	3,13
	Própria	3,94	3,43	2,95	3,42	3,09	2,8
Renda familiar mensal	Acima de 12 salários mínimos	3,87	3,52	2,93	3,43	3,15	2,85
	Até 1 salário mínimo	3,33	2,67	2,17	3	2,83	2,83
	De 1 a 3 salários mínimos	3,9	3,1	2,6	3,7	3,3	2,8
	De 3 a 6 salários mínimos	4	3,36	2,94	3,42	2,94	2,76
	De 6 a 9 salários mínimos	3,93	3,41	3	3,62	3,07	2,86
	De 9 a 12 salários mínimos	4	3,5	3,04	3,33	2,92	2,88
Sexo	Nenhuma renda	4	3,5	2,5	3,5	3,5	3,5
	Feminino	3,91	3,39	2,93	3,44	3,07	2,82
Tipo de residência	Masculino	3,92	3,42	2,87	3,47	3,03	2,87
	Apartamento	3,93	3,47	2,94	3,47	2,97	2,83
	Casa em um condomínio	3,85	3,31	3,08	3,38	3,08	2,77
	Casa fora de condomínio	3,9	3,3	2,8	3,44	3,2	2,88

Fonte: autoria própria

Tabela 05 – Média das respostas por critério e valor (continuação)

(continuação)		Questão 12	Questão 13	Questão 14	Questão 15	Questão 16	Questão 17
Critério:	Valor:	Cooperativismo	Igualdade decisória	Sustentabilidade	Participação no planejamento	Sociabilidade	Compartilhamento
		Estado civil	Casado(a)	1,94	1,41	1,06	1,29
	Divorciado(a)	2	1,4	1,2	1,6	1,2	2,2
	Solteiro(a)	1,93	1,35	1,08	1,24	1,31	2,07
	Viúvo (a)	1,4	1,8	1,2	1,4	1	1,6
Faixa etária	Acima de 60 anos	1,76	1,43	1,05	1,48	1,19	2,14
	De 18 a 24 anos	1,88	1,34	1,1	1,24	1,3	1,98
	De 25 a 34 anos	2,02	1,32	1,06	1,24	1,44	2,26
	De 35 a 44	2	1,69	1	1,31	1,15	1,92
	De 45 a 59 anos	1,88	1,44	1,19	1,19	1,06	1,94
Filhos que moram junto	Não tenho filhos	1,94	1,41	1,08	1,24	1,32	2,11
	Sim, mas nenhum mora comigo	1,89	1,44	1,06	1,44	1,28	2,22
	Sim, pelo menos 1 mora comigo	1,88	1,28	1,09	1,28	1,22	1,94
Grau de instrução	Analfabeto / ensino fundamental incompleto	1	1	2	1	2	2
	Ensino fundamental completo	2	1,5	1,25	2,25	1,5	2,25
	Ensino médio completo	1,67	1,25	1	1,08	1,17	2
	Ensino médio incompleto	1	1	1	1	1	1
	Ensino superior completo	2,01	1,42	1,08	1,28	1,3	2,15
	Ensino superior incompleto	1,79	1,33	1,06	1,21	1,27	1,94
Local da residência	Capital	1,91	1,38	1,08	1,29	1,26	2,06
	Outras cidades	2,25	1,5	1	1,08	1,33	2,17
	Região metropolitana	1,76	1,38	1,14	1,29	1,48	2,19
Número de moradores	1	1,89	1,44	1,11	1,22	1,22	2,28
	2	1,9	1,55	1,03	1,3	1,3	2,08
	Entre 3 e 5	1,95	1,31	1,1	1,27	1,31	2,04
	Mais que 5	1	1	1	1	1	3
Tipo de propriedade	Alugada	1,64	1,21	1,03	1,18	1,21	1,7
	Outros	1,75	1,63	1,25	1,13	1,5	1,88
	Própria	2,02	1,42	1,08	1,31	1,3	2,22
Renda familiar mensal	Acima de 12 salários mínimos	1,98	1,37	1,09	1,28	1,24	2,24
	Até 1 salário mínimo	1,67	1,17	1,17	1,5	1,5	1,5
	De 1 a 3 salários mínimos	1,7	1,5	1,1	1,3	1,4	1,9
	De 3 a 6 salários mínimos	1,88	1,42	1,03	1,18	1,33	1,94
	De 6 a 9 salários mínimos	1,86	1,41	1,07	1,1	1,24	2,1
	De 9 a 12 salários mínimos	2,08	1,38	1,13	1,5	1,29	2,17
	Nenhuma renda	2	1	1	1,5	1,5	2,5
Sexo	Feminino	1,86	1,43	1,06	1,22	1,27	2,08
	Masculino	2,02	1,32	1,12	1,35	1,33	2,1
Tipo de residência	Apartamento	1,92	1,34	1,08	1,22	1,26	2,13
	Casa em um condomínio	2,15	1,31	1,15	1,38	1,38	2,31
	Casa fora de condomínio	1,86	1,48	1,06	1,34	1,32	1,96

Fonte: autoria própria

Tabela 05 – Média das respostas por critério e valor (continuação)

(continuação)		Questão 18							
		Participação no planejamento	Sociabilidade	Participação nas atividades (sociabilidade)	Igualdade decisória	Sustentabilidade	Acessibilidade financeira	Compartilhamento	Cooperativismo
Estado civil	Casado(a)	3,35	3,27	3,08	2,92	3,43	3,55	3,02	3,08
	Divorciado(a)	3,4	3,2	3	3	3,6	3,6	3	2,8
	Solteiro(a)	3,54	3,11	2,88	2,83	3,3	3,53	2,82	2,91
	Viúvo (a)	3	3	2,4	2,6	3,4	3,4	2,6	2,6
Faixa etária	Acima de 60 anos	3,43	3,29	3,14	3	3,43	3,52	2,86	3,1
	De 18 a 24 anos	3,56	3,18	2,98	2,94	3,28	3,54	2,86	3,04
	De 25 a 34 anos	3,36	3,02	2,8	2,78	3,32	3,48	2,84	2,84
	De 35 a 44	3,46	3,23	2,92	2,31	3,46	3,69	2,92	2,69
	De 45 a 59 anos	3,44	3,38	2,94	3,13	3,56	3,56	3,13	3,06
Filhos que moram junto	Não tenho filhos	3,51	3,16	2,91	2,86	3,33	3,51	2,83	2,91
	Sim, mas nenhum mora comigo	3,44	3,11	3,11	2,94	3,44	3,56	2,78	3,06
	Sim, pelo menos 1 mora comigo	3,28	3,22	2,91	2,81	3,41	3,59	3,13	3,03
Grau de instrução	Analfabeto / ensino fundamental incompleto	4	3	3	2	4	4	2	3
	Ensino fundamental completo	2,75	2,75	2,5	2,5	2,75	3	2	2,75
	Ensino médio completo	3,5	3,25	3,25	3,08	3,5	3,67	3,25	3,33
	Ensino médio incompleto	4	4	3	3	3	3	4	4
	Ensino superior completo	3,47	3,16	2,89	2,84	3,34	3,54	2,87	2,86
	Ensino superior incompleto	3,42	3,18	3	2,91	3,42	3,55	2,91	3,09
Local da residência	Capital	3,46	3,21	2,99	2,9	3,4	3,58	2,9	3
	Outras cidades	3,75	3	2,92	3,08	3,42	3,42	2,83	2,75
	Região metropolitana	3,24	3	2,62	2,52	3,1	3,33	2,86	2,81
Número de moradores	1	3,22	3,22	2,89	2,78	3,28	3,5	2,72	2,89
	2	3,45	3,13	2,98	2,95	3,4	3,43	2,9	3,03
	Entre 3 e 5	3,49	3,16	2,92	2,85	3,36	3,58	2,91	2,92
	Mais que 5	4	4	3	2	3	4	3	4
Tipo de propriedade	Alugada	3,52	3,33	3,12	2,88	3,45	3,58	3	3,24
	Outros	3,63	3,13	3	2,88	3,63	3,75	3	2,88
	Própria	3,42	3,12	2,87	2,85	3,31	3,5	2,84	2,87
Renda familiar mensal	Acima de 12 salários mínimos	3,46	3,24	2,89	2,93	3,28	3,57	2,67	2,87
	Até 1 salário mínimo	3,17	2,83	2,67	2,83	2,67	3	2,67	3,33
	De 1 a 3 salários mínimos	3,4	3	2,7	2,6	3,4	3,5	2,9	2,8
	De 3 a 6 salários mínimos	3,45	3,18	3	2,64	3,52	3,45	3,12	3,06
	De 6 a 9 salários mínimos	3,55	3,1	3,1	3,07	3,31	3,62	3,03	3,07
	De 9 a 12 salários mínimos	3,38	3,21	2,83	2,88	3,5	3,63	2,79	2,75
Sexo	Nenhuma renda	4	3,5	3,5	3	3,5	3,5	3,5	3,5
	Feminino	3,49	3,19	2,87	2,87	3,38	3,53	2,89	2,96
	Masculino	3,4	3,13	3,03	2,85	3,33	3,53	2,88	2,95
Tipo de residência	Apartamento	3,44	3,2	2,99	2,94	3,4	3,56	2,92	3,01
	Casa em um condomínio	3,23	3	2,92	2,54	3,38	3,38	2,77	2,46
	Casa fora de condomínio	3,54	3,16	2,84	2,8	3,28	3,52	2,86	2,98

Fonte: autoria própria

O critério de estado civil foi desconsiderado, pois houve poucas respostas de pessoas divorciadas e viúvas, não se tornando relevante para o estudo.

Com relação aos itens sexo, grau de instrução, localização da residência e tipo de residência, não houve evidências estatísticas suficientes, a 95% de confiança, para verificar uma diferença significativa de resposta para nenhum dos valores considerados.

Foram encontradas evidências estatísticas suficientes, a 95% de confiança, que permitem identificar diferenças nos grupos: faixa etária, presença de filho(s) na casa, número de moradores, renda familiar mensal e tipo de propriedade. Com isso, utilizando por base a média das respostas de cada grupo, pode-se identificar que pessoas com faixa etária entre 45 e 59 anos tendem a considerar o valor sustentabilidade mais importante que as demais faixas etárias. Indivíduos que possuem pelo menos um filho, mas que não moram junto com ele(s) também tendem a priorizar a sustentabilidade em relação aos demais no critério presença de filhos na casa. Do mesmo modo, pessoas com essas características também consideram o valor sociabilidade (relacionamento com vizinhos) mais relevante que as demais.

O cruzamento de dados entre critério e valor aponta ainda que, no que se refere ao número de moradores, indivíduos que moram sozinhos consideram o relacionamento com vizinhos (sociabilidade) de maior relevância em relação aos que dividem a residência com outras pessoas.

Outros resultados que se destacaram foram os que abrangem a renda familiar mensal. Tanto os valores de plástica como de localização são priorizados pelos respondentes que possuem de 9 a 12 salários mínimos. Já para sustentabilidade, a parcela da amostra que tende a priorizá-la possui de 3 a 6 salários mínimos, com pouca diferença sobre a renda de 9 a 12 salários mínimos.

A presença de liderança foi considerada menos importante por respondentes com idade entre 35 e 44 anos, o que indica que essa faixa etária pode ser mais propensa a aceitar um modelo de moradia com igualdade decisória, sem a existência de um líder.

Quanto ao tipo de propriedade, tanto para o valor cooperativismo quanto para compartilhamento, pessoas que moram em uma residência alugada tendem a considerá-los mais importantes.

5. CONCLUSÕES

A partir do trabalho desenvolvido, foi possível identificar as perspectivas e os principais desafios encontrados em *cohousing*. Observou-se que a integração entre os moradores é o objetivo principal (SCOTTHANSON E SCOTTHANSON, 2004), seguindo princípios de colaboração, compartilhamento e respeito ao meio ambiente (BITTENCOURT, 2016). Fica evidente a importância de que, para a criação de *cohousing*, os futuros moradores possuam a intenção de viver colaborativamente (KIM, 2017) pois, como ressalta Nunes (2015), *cohousing* vai além de um modelo de moradia, tornando-se um estilo de vida.

A questão da sustentabilidade em *cohousing* apresentou-se como uma grande perspectiva, pois colabora não só com a minimização do uso de recursos naturais (NUNES, 2015), otimização do uso do solo e redução de emissão de CO₂ (STARK, 2009), mas também torna o uso de estratégias sustentáveis mais acessível financeiramente, devido a vida em comunidade.

Com o estudo, também foi observado que a qualidade de vida em *cohousing* é elevada. A boa relação entre os membros gera ajuda mútua e colabora com o bem estar e com a segurança do local. Um grande desafio é a visão utópica que a maioria das pessoas têm sobre esse estilo de vida, como destaca o *proceedings from the international collaborative housing conference* (2010).

Ressalta-se ainda que, no Brasil, compartilhar espaços e experiências com outras pessoas já é bastante aceito e difundido em ambientes de trabalho, com o *coworking*, o que torna promissora a ideia de se fazer isso também com a habitação e, conseqüentemente, com *cohousing*. Além disso, outra questão que torna favorável sua implantação no país é que existem alguns grupos de pessoas interessadas na ideia de *cohousing* ou que já vivem juntas em casas compartilhadas, criando comunidades intencionais, a fim de experimentar o estilo de vida proposto em *cohousing*.

Como produto do questionário aplicado na cidade de Curitiba e região, ao avaliar os resultados de todas as questões, verificou-se que os valores priorizados pelos respondentes foram a segurança, em primeiro lugar, seguida pela acessibilidade

financeira, localização, participação no planejamento e sustentabilidade. Apesar de todos esses valores estarem presentes em *cohousing*, não estão intrinsicamente ligados ao seu conceito. Isso demonstra que, na amostra estudada, pode haver maior dificuldade na identificação dos benefícios de *cohousing* que envolvem a questão social, que é a sua essência.

Ainda com relação ao questionário, observou-se que os valores de cooperativismo e compartilhamento são os que enfrentam maior resistência, o que poderia ser um desafio para a aceitabilidade de *cohousing* na amostra estudada. Como explica Scotthanson e Scotthanson (2004), uma visão cooperativista e de trabalho em conjunto envolve conflitos devido às diferentes personalidades e pensamentos dos indivíduos envolvidos. McCamant e Durrett (2011) ainda afirma que aprender a tomar decisões em grupo pode ser um processo complicado, já que a maioria das pessoas convive com situações hierárquicas, o que torna-se também um obstáculo para a aceitação de *cohousing*, visto que um de seus valores é a igualdade decisória.

Como possível público alvo para *cohousing*, tomando-se como base os valores aplicados no questionário, foi possível identificar pessoas com idade entre 35 e 59 anos, que possuem pelo menos um filho, moram sozinhas em propriedade alugada e possuem renda entre 9 e 12 salários mínimos. Porém, é importante salientar que os demais critérios como sexo, grau de instrução, localização da residência e tipo de residência não obtiveram diferenças significativas de resposta, não havendo evidências estatísticas suficientes para afirmar que existe diferença entre os grupos.

Por fim, fica evidente que para que haja sucesso na criação de qualquer *cohousing* e no futuro cotidiano de seus moradores, é fundamental que todos os membros envolvidos tenham clareza de como funciona esse estilo de vida e queiram fazer parte dele. A questão social é primordial e indispensável em *cohousing* e deve ser aceita pelos seus integrantes.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Jessica. **Cohousing, uma nova forma de morar**. 2016. Disponível em: <<http://www.jardimdomundo.com/cohousing-uma-nova-forma-de-morar/>>. Acesso em 05 jun. 2017.

COCHMANSKI, Liliane Cristina de Camargo. **Diretrizes sustentáveis e saudáveis para melhoria em hospedagem assistida a idosos**. 2016. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.

DURRETT, Charles. **The Senior Cohousing Handbook: A Community Approach to Independent Living**. 2. ed. Gabriola Island: New Society Publishers, 2009.

FURLANI, Bruna; POMPEU, Lauriberto. **Habitação colaborativa para idosos é tendência internacional**. Estadão Jornal Digital. São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://infograficos.estadao.com.br/focas/planeje-sua-vida/habitacao-colaborativa-para-idosos-e-tendencia-internacional>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

GREEN, Isaac. **Housing for the elderly: the development and design process**. New York: Van Nostrand, 1975.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais**. 2013. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66777.pdf> > Acesso em: 16 ago. 2017.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. 2016. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>> Acesso em: 24 mai. 2017.

KIM, Grace. **How cohousing can make us happier (and live longer)**. Vancouver: TED, 2017. Vídeo online (11 min). Disponível em: <https://www.ted.com/talks/grace_kim_how_cohousing_can_make_us_happier_and_live_longer?utm_source=facebook.com&utm_medium=social&utm_campaign=tedspread>. Acesso em: 15 ago. 2017.

LIVING TOGETHER – COHOUSING IDEAS AND REALITIES AROUND THE WORLD, 2010, Estocolmo. **Proceedings from the international collaborative housing conference**. Estocolmo: Universitetservice US AB, 2010. Disponível em: <<http://kollektivhus.se/wp-content/uploads/2017/06/Livingtogetherwebb-1.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2017.

MCCAMANT, Kathryn; DURRETT, Charles. **Creating Cohousing: Building Sustainable Communities**. Gabriola Island: New Society Publishers, 2011.

MELTZER, Graham. **Ecovillages and Cohousing: A personal take on their similarities and differences**. 2010. Disponível em:

<https://www.academia.edu/1801032/Ecovillages_and_Cohousing_A_personal_take_on_their_similarities_and_differences>. Acesso em 13 jul. 2017.

MELTZER, Graham. **Sustainable Community: Learning from the Cohousing Model**. Victoria: Trafford, 2005.

NUNES, Cristiane. **Cohousing, moradias baseadas na coletividade**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://sustentarqui.com.br/urbanismo-paisagismo/cohousing/>>. Acesso em: 29 mai. 2017.

OAKCREEK COMMUNITY. **Neighborhood for Active Adults**. 2014. Disponível em: <<https://www.oakcreekstillwater.com/page/home/about-us/our-members>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Mundo terá 2 bilhões de idosos em 2050**. 2014. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/mundo-tera-2-bilhoes-de-idosos-em-2050-oms-diz-que-envelhecer-bem-deve-ser-prioridade-global/>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**; tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2017.

PASTORE, Mariana. **Cohousing: modelo de moradia sustentável é baseado no compartilhamento**. 2016. Disponível em: <<https://consumosocial.catracalivre.com.br/geral/viver-bem/indicacao/cohousing-modelo-de-moradia-sustentavel-e-baseado-no-compartilhamento/>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

REID, Luc. **What is an Intentional Community?** 1999. Disponível em: <<http://www.meadowdance.org/basics.htm>>. Acesso em 06 jul. 2017.

SAND RIVER COHOUSING. **Active, green, sustainable, caring**. 2010. Disponível em: <<http://www.sandriver.org/>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

SCOTTHANSON, Chris; SCOTTHANSON, Kelly. **The Cohousing Handbook: Building a place for community**. Gabriola Island: New Society Publishers, 2004.

SOUSA, L.; GALANTE, H.; FIGUEIREDO, D. Qualidade de vida e bem-estar dos idosos: um estudo exploratório na população portuguesa. **Revista Saúde Pública**, v. 37, n. 3, p. 364-371, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rsp/article/viewFile/31600/33485>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

STARK, Erin. **Developing Sustainable Neighborhoods: Cohousing as a Design Strategy**. 2009. Paper (Escola de Arquitetura) – Universidade do Texas. Disponível em:

<https://soa.utexas.edu/sites/default/disk/policies_codes/policies_codes/09_02_su_stark_erin_paper_ml.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2017.

SURHONE, Lambert M.; TENNOE, Mariam. **Random House Dictionary of the English Language**. Betascript Publishing, 2010.

THE COHOUSING ASSOCIATION OF THE UNITED STATES. **Aging in Cohousing**. 2014. Disponível em: <<http://www.cohousing.org/aging>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

_____. **Living in Cohousing**. 2014. Disponível em: <<http://www.cohousing.org/living>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

THE COHOUSING COMPANY. Disponível em: <<http://www.cohousingco.com>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

TORRES-ANTONINI, Maruja; HASELL, Mary J.; SCANZONI, John. **Cohousing as a Basis for Social Connectedness and Ecological Sustainability**. In: International Association for People-Environment Studies, 16., 2000, Paris. Anais People, Places and Sustainability, Paris, Hogrefe & Huber Publishers, 2002

UK COHOUSING. **About Cohousing**. 2017. Disponível em: <<https://cohousing.org.uk/about/about-cohousing/>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

VEIGA, Edison. **Casa compartilhada vira opção em São Paulo**. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/edison-veiga/casa-compartilhada-vira-opcao-em-sp/>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

WHITE DESIGN. **Bristol Cohousing**. Disponível em: <<https://www.white-design.com/consultancy/bristol-co-housing/>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

WMO. **Greenhouse Gas Bulletin**. N. 12. Genebra, 2016. 8 p. Disponível em: <https://library.wmo.int/opac/doc_num.php?explnum_id=3084>. Acesso em: 05 jun. 2017.

FONTES DE ILUSTRAÇÕES

ESBG 2015. **Straw Bale: LILAC Cohousing in Leeds, UK.** Disponível em: <<http://esbg2015.eu/lilac-cohousing-in-leeds-uk/>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

GREAT OAK COHOUSING. **Common House.** Disponível em: <http://gocoho.org/campus/common_house/>. Acesso em: 14 ago. 2017.

OAKCREEK COMMUNITY. **Neighborhood for Active Adults.** 2014. Disponível em: <<https://www.oakcreekstillwater.com/page/home/about-us/our-members>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

SAHA. **Petaluma Avenue Homes.** Disponível em: <<http://www.sahahomes.org/properties/petaluma-avenue-homes>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

UK COHOUSING. **About Cohousing.** 2017. Disponível em: <<https://cohousing.org.uk/about/about-cohousing/>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

_____. **New Ground Cohousing.** Disponível em: <<https://cohousing.org.uk/case-study/new-ground-cohousing-development-inspiring-example-not-might-live-get-older-live-cities/>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

WHITE DESIGN. **Bristol Cohousing.** Disponível em: <<https://www.white-design.com/consultancy/bristol-co-housing/>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

WHITE HAWK ECOVILLAGE. **What is Cohousing?** Disponível em: <<http://whitehawkecovillage.org/community/what-is-cohousing/>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO

Este questionário faz parte da monografia de conclusão do curso de especialização em Construções Sustentáveis (VI CECONS), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

1) Sexo:

- Feminino
- Masculino

2) Faixa etária:

- De 18 a 24 anos
- De 25 a 34 anos
- De 35 a 44 anos
- De 45 a 59 anos
- Acima de 60 anos

3) Estado civil:

- Solteiro(a)
- Casado(a)
- Divorciado(a)
- Viúvo(a)

4) Possui filho(s) que mora(m) com você?

- Não tenho filho(s)
- Sim, pelo menos 1 mora comigo
- Sim, mas nenhum mora comigo

5) Quantas pessoas vivem em sua residência, contando com você?

- 1
- 2
- Entre 3 e 5
- Mais que 5

- 6) Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?
- () Nenhuma renda.
 - () Até 1 salário mínimo (até R\$ 937,00).
 - () De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 937,01 até R\$ 2.811,00).
 - () De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.811,01 até R\$ 5.622,00).
 - () De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 5.622,01 até R\$ 8.433,00).
 - () De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.433,01 até R\$ 11.244,00).
 - () Acima de 12 salários mínimos (acima de R\$ 11.244,00).
- 7) Qual seu grau de instrução?
- () Analfabeto / ensino fundamental incompleto
 - () Ensino fundamental completo
 - () Ensino médio incompleto
 - () Ensino médio completo
 - () Ensino superior incompleto
 - () Ensino superior completo
- 8) Em que local encontra-se sua residência?
- () Capital
 - () Região metropolitana
 - () Outras cidades
 - () Zona rural
- 9) Você mora em uma residência:
- () Própria
 - () Alugada
- 10) Você mora em:
- () Casa fora de um condomínio
 - () Casa em um condomínio
 - () Apartamento

11) Tratando-se de habitação, classifique os critérios abaixo em relação ao que você considera importante (sendo 1 nada importante e 4 muito importante):

Critério	1 (Nada importante)	2 (Pouco importante)	3 (Importante)	4 (Muito importante)
Segurança				
Localização				
Estética				
Custo				
Sustentabilidade				
Relacionamento com os vizinhos				

12) Você estaria disposto(a) a morar em um condomínio baseado no cooperativismo? Por exemplo, que possua divisão e rotatividade de tarefas, como o preparo de refeições esporádicas e caronas; e que também haja colaboração entre os moradores, como troca de favores e experiências.

() Sim

() Não

() Talvez

13) Em um condomínio residencial, você aceitaria que as decisões fossem tomadas em conjunto, com base no consenso e sem a presença de um líder (como um proprietário geral ou síndico)?

() Sim

() Não

() Talvez

14) O uso de estratégias sustentáveis (ex.: painel solar, captação de água da chuva, reuso de água, hortas, telhado verde, etc.) em uma habitação requer investimento, porém ele é menor quando realizado em comunidade do que individualmente. Considerando isso, você apoiaria a adoção de algumas dessas estratégias caso morasse em um condomínio residencial que decidisse implantá-las?

() Sim

- Não
- Talvez

15) Caso houvesse a oportunidade de planejar um condomínio residencial desde o início, estipulando espaços, regras e características juntamente com um grupo de pessoas que compartilha os mesmos valores e/ou interesses que você, seria de seu interesse participar desse projeto e morar nele?

- Sim
- Não
- Talvez

16) Se você pudesse escolher entre ter um grande envolvimento social com vizinhos, ou ter pouco/nenhum envolvimento, o que preferiria?

- Grande envolvimento social
- Pouco/nenhum envolvimento social

17) Para você, em um condomínio residencial, seria aceitável reduzir a área de sua casa ou apartamento para dar lugar a espaços comuns maiores que exercessem a função das áreas retiradas (ex.: uma lavanderia comunitária ou quartos para hóspedes) e que também pudesse expandir outros espaços comuns, como áreas de lazer?

- Sim
- Não
- Talvez

18) Imagine que você e outras pessoas com características/interesses em comum (família, amigos, idosos, estudantes, veganos, etc.) decidam criar uma comunidade do zero, com espaços e regras conforme determinem. Classifique os critérios abaixo em relação ao que seria importante para você (sendo 1 nada importante e 4 muito importante):

Critério	1 (Nada importante)	2 (Pouco importante)	3 (Importante)	4 (Muito importante)
Participação no desenvolvimento do projeto				
Relacionamento com os novos vizinhos				
Participação nas atividades do cotidiano				
Presença de uma liderança				
Uso de estratégias sustentáveis				
Custo				
Compartilhamento de espaços e equipamentos				
Colaborativismo (divisão/rotatividade de tarefas e auxílio mútuo)				